

GEOVANA PANSANI SILVA



1290005036



FE

TCC/UNICAMP S138p

A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO

CAMPINAS
2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

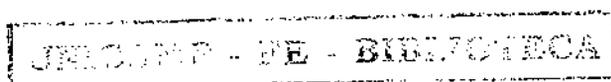
B
B
E
J
C
C
C
C
C
C

GEOVANA PANSANI SILVA

A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Educação da Universidade Estadual
de Campinas para a obtenção do
diploma de graduação em
Pedagogia, sob a orientação do
Prof. Dr. Renê José Trentin Silveira.

CAMPINAS
2010



| | |
|-------------|------------|
| UNIDADE: | FE |
| Nº CHAMADA | FE/Unicamp |
| V: | EX: |
| Tombo: | 5036 |
| PROC.: | 134/10 |
| C: | X |
| PREÇO: | 11,00 |
| DATA: | 05/10/10 |
| CÓD TÍTULO: | 271714 |

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Si38p
Silva, Geovana Pansani
A pedagogia de dom Bosco / Geovana Pansani Silva. -- Campinas, SP:
[s.n.], 2010.

Orientador: René José Trentin Silveira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. João Bosco, Santo, 1815-1888. 2. Sistema salesiano de educação em
escola. 3. Salesianos – Educação. 4. Método preventivo. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

10-184-BFE

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 04 |
| CAPÍTULO I - DOM BOSCO: CONTEXTO HISTÓRICO..... | 07 |
| CAPÍTULO II - A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO: CARACTERIZAÇÃO..... | 34 |
| CAPÍTULO III - ANÁLISE DA PEDAGOGIA DE DOM BOSCO A PARTIR DA CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS PROPOSTA POR DERMEVAL SAVIANI..... | 54 |
| CONCLUSÃO..... | 71 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 82 |
| ANEXOS..... | 85 |

INTRODUÇÃO

Dom Bosco não é considerado um teórico da educação. De fato, ele não escreveu nenhum tratado em torno da sua metodologia de ensino. Mas é tido como um pedagogo, cujo estilo educativo é preciso e individual e fruto de sua experiência educativa com os jovens pobres e abandonados de sua época, o século XIX.

Preocupado com a juventude de seu tempo, Dom Bosco tinha uma idéia muito clara do problema educativo. Assim, abraçou esta causa e propôs um método para os educadores de sua ordem religiosa. Este método, ele ensinou mais com sua própria vida e ação pedagógica do que por meio de palestras e escritos.

Sendo totalmente contra ao sistema repressivo, seu método recebeu o nome de sistema preventivo. E como toda ação educativa está condicionada por uma visão de homem e de mundo, conforme salienta Scaramussa (1984, p.105), pode-se afirmar que a metodologia de Dom Bosco tem por base uma antropologia teológica marcada por sua mentalidade religiosa. Contudo, ele não se referia a ela como uma teoria-base, mas ação e reflexão fecundavam-se reciprocamente numa dialética construtiva com particularidades próprias da personalidade deste educador e de seu ambiente.

Por ter sido aluna de um colégio salesiano, que pertence à ordem religiosa fundada por Dom Bosco, sua pedagogia sempre despertou em mim a curiosidade de conhecer melhor este método de ensino, não pelo fato do colégio desenvolvê-lo ou não, mas por ouvir sobre sua história de vida e suas experiências como educador e como educando, a forma como ele lidava com os jovens e com os problemas com que se deparava.

Hoje, cursando pedagogia e tendo que escolher um tema de meu interesse para pesquisa, não hesitei em optar por tal pedagogia, uma vez que não tive oportunidade de estudá-la anteriormente, nem em escola salesiana nem em ambiente acadêmico.

É importante salientar que em seu TCC, intitulado *A arte de educar: sistema educativo elaborado por Dom Bosco* (Tozzo, 1999), Eliane Cristina Gozz Tozzo, também fez um estudo da pedagogia de Dom Bosco, alguns anos atrás, nesta mesma faculdade, o qual trouxe grande contribuição para este trabalho, embora aquele seja uma pesquisa bibliográfica realizada sob outro olhar.

Na presente dissertação, inicialmente será estudado o contexto histórico em que viveu o autor, a fim de se compreender os fatores sociais, econômicos e políticos que condicionaram a produção de sua pedagogia.

Em seguida, será feito um estudo dessa pedagogia, a começar pelo perfil dos seus educandos. Posteriormente, serão tratados os seguintes assuntos: a personalidade e a consciência educativa deste sacerdote-educador, o método para estudar tal pedagogia e, por fim, os princípios básicos deste método educativo, chamado de “método preventivo”.

Finalmente, pretende-se empreender uma análise crítica e problematizadora da pedagogia de Dom Bosco, à luz da classificação proposta por Dermeval Saviani das teorias pedagógicas, por ele formulada no capítulo primeiro da obra *Escola e Democracia*.

Na conclusão, me posicionarei em relação à análise feita relacionando o século de Dom Bosco com o nosso século.

O trabalho traz, ainda, documentos anexos, a fim de colocar a disposição do leitor alguns artigos relevantes sobre tal pedagogia, como também textos importantes do próprio autor.

CAPÍTULO I – DOM BOSCO: O CONTEXTO HISTÓRICO

Neste capítulo será tratado o contexto histórico no qual viveu Dom Bosco, a fim de compreender os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que influenciaram seu pensamento; identificar os principais problemas com os quais ele se deparou e para os quais procurou encontrar respostas através da educação; adquirir uma visão mais global e de conjunto de seu pensamento pedagógico.

1. Revolução e restauração

Antes de iniciarmos um estudo do contexto histórico de Dom Bosco, é relevante lembrar algumas datas importantes que antecedem a data do seu nascimento, tal como o dia 1º de Novembro de 1814, quando aconteceu a abertura do Congresso de Viena¹, dominado pelas grandes potências – Rússia, Áustria, Prússia e Inglaterra -, que visava a impedir as guerras, ao mesmo tempo em que ignorava o princípio da nacionalidade e as idéias de liberdade e igualdade.

¹ “Congresso de Viena: após o fim da época napoleônica, que provocou mudanças políticas e econômicas em toda a Europa, os países vencedores (Áustria, Rússia, Prússia e Inglaterra) sentiram a necessidade de selarem um tratado para restabelecer a paz e a estabilidade política na Europa, já que vivam momentos de instabilidade. O Congresso de Viena foi uma conferência entre as potências vencedoras da batalha contra o Império de Napoleão, que ocorreu entre 1º de Outubro de 1814 e 9 de Junho de 1815. Os objetivos desses países eram redesenhar o mapa político europeu, restabelecer a ordem na França e equilibrar suas forças, no sentido de garantir a paz na Europa. Foi assegurado que a França deveria pagar uma indenização de guerra (700 milhões) e formar um novo governo conservador, dominado pelo clero e pela nobreza. Além disso, a França continuaria com os mesmos limites territoriais da época de Napoleão Bonaparte. A Alemanha e a Itália tiveram que ceder parte de seus territórios para a Prússia e a Áustria. As conseqüências do Congresso de Viena foram: vantagens políticas aos países dominantes, redefinição das fronteiras políticas européias e relativa paz no contexto da época” (Cf.: História do mundo. Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/congresso-de-viena.htm> Acesso em: 22 Jun 2010).

No Congresso prevaleciam três confissões cristãs: ortodoxa na Rússia, católica na Áustria e protestante na Prússia, mas o que foi determinante, seja de modo explícito ou oculto, foi o papel dos ingleses e franceses, permeados pelos princípios iluministas de 1789. De acordo com Braido:

A restauração política conduzida pelo Congresso de Viena (1814-1815) é evocada por Dom Bosco em poucas linhas. Para ele, significava simplesmente a reintegração da ordem anterior, “distribuir os reinos a quem eles pertenciam”, compreendendo o Estado da Igreja ao Papa; e “depois da repartição dos reinos”, valer-se dos poucos anos de tranquilidade “para reparar os males ocasionados pelas longas guerras e revoluções” (BRAIDO, 2008, p. 24 e 25).

No dia 9 de Junho de 1815, se dá o ato final do Congresso de Viena com a repartição dos reinos.²

Dom Bosco tinha uma visão mais religiosa, moral e social sobre os acontecimentos históricos. Já da complexidade dos fatos da vida de Napoleão Bonaparte, ele tem a seguinte interpretação:

general dos exércitos da Itália (1796), cônsul (1799), promotor de concordatas com a Igreja (1801 e 1803), imperador, que promulga o Código Civil (1804), rei da Itália (1805), que conquista a Espanha (1808), anexa o Estado pontifício levando Pio VII ao exílio na França (1809), e vai, fatalmente, ao encontro do final dramático, com a desastrosa campanha da Rússia (1812), a derrota em Lipsia, a abdicação e a residência na ilha de Elba (1814) e, por fim a fuga e a derrota em Waterloo, o confinamento na ilha de Santa Helena (1815), a morte (1821) (BRAIDO, 2008, p. 24).

² “Por força dessa repartição, também João Bosco se tornava cidadão de um Estado Sardo mais extenso, que compreendia a Sardenha, o Piemonte, o condado de Nice, a Savóia, a Ligúria da antiga República de Gênova. Na Itália, outros três reinos punham-se ao lado do Sardo: o Lombardo-Vêneto, as Duas Sicílias (Itália meridional e ilha), o Estado Pontifício; o grão-ducado da Toscana e os quatro ducados de Parma e Piacenza, de Módena e Réggio, de Massa e Carrara (que passava ao ducado de Módena e Reggio em 1831), e de Lucca, que em 1847 unia-se ao grão-ducado da Toscana. Para a Itália, a fragmentação política, existente há séculos, comportava também a econômica e financeira, com disparidades relevantes de desenvolvimento e rígidas barreiras alfandegárias. Estas se revelaram sempre mais danosas numa Europa que se movia, nas nações mais desenvolvidas, para crescente globalização comercial, favorecida pelo mais rápido desenvolvimento das vias de comunicação e das ferrovias” (BRAIDO, 2008, p.25).

ligoriano (de Santo Afonso Maria de Ligório) mediado por Cafasso (santo da igreja católica, nascido na mesma década de Dom Bosco).

O segundo período é o tempo de Dom Bosco, fundador de institutos religiosos e formador de consagrados e consagradas. Também é o tempo em que ele trabalha, legisla, fala e escreve.

Aos poucos, provocado e plasmado por seu século, ele é impulsionado pela sua fé a se enraizar com intensidade no mundo real, com esperança de fazer a diferença no meio em que vivia, especificamente junto aos jovens de sua época.

Em 1846, estabeleceu-se definitivamente em Valdoco, bairro de Turim, onde fundou o Oratório de São Francisco de Sales, no qual havia ensino profissional, ginásio e internato para a juventude masculina.

No oratório, um grande leque de propostas comunicativas tocava a vida de tantos jovens "pobres e abandonados" que vinham dos vales a Turim. Casa, escola, catecismo, missa, trabalho, banda de música, teatro, excursões, jogos, oficinas, boas-noites (mensagem antes de dormir), narrações de sonhos, pregações, palavrinhas ao ouvido, bilhetinhos com mensagens personalizadas etc. comunicavam uma cultura, um modo de colocar-se em relação com Deus, com o mundo e com os outros. Esse conjunto abria a vida à esperança, à confiança, ao sentido, quando talvez isso já tivesse sido perdido por alguns. O Oratório representava, enfim, uma alternativa cultural.

Em 1855, deu o nome de Salesianos⁴ aos seus colaboradores e em 1859 fundou com seus jovens salesianos a Sociedade ou Congregação Salesiana e a Associação dos Cooperadores Salesianos.

Em 1872, com a ajuda de Santa Maria D. Mazzarello, fundou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora para a educação da juventude feminina.

Em 1875 enviou a primeira turma de seus missionários para a América do Sul, os quais fundaram o Colégio Santa Rosa em Niterói, primeira casa salesiana do Brasil, e o Liceu Coração de Jesus em São Paulo.

Contudo, após a instalação do Oratório, desponta em Paris, Viena, Berlim e Milão em 1848 a Revolução Européia⁵, que foi sem dúvida uma grande revolução. E sobre as grandes revoluções ocorridas no tempo de Bosco, Braido afirma que:

Dom Bosco, por suas origens, mentalidade e formação, não podia ter, sem dúvidas, uma percepção adequada das características conferidas em seu tempo pelas grandes revoluções iniciadas entre os séculos XVII e XVIII: sociais, com particular relevância na Inglaterra; industrial; cultural, com referência específica ao iluminismo; sociopolítica (francesa e napoleônica) (BRAIDO, 2008, p.22).

⁴ "O nome 'Salesianos' foi escolhido por Dom Bosco para homenagear a São Francisco de Sales, de quem era devoto. Também porque desejava que a caridade e a doçura do santo fossem referência para os futuros salesianos" (Cf.: Blog do Glauco. Dom Bosco. Disponível em: <http://glaucosdb.blogspot.com/search/label/dom%20bosco> Acesso em: 22 Jun 2010).

⁵ "A Revolução de 1848 foi uma série de insurreições que abalaram as monarquias européias, onde tinham fracassado as tentativas de reformas políticas e econômicas. De caráter liberal democrático e nacionalista, foram iniciadas por membros da burguesia e da nobreza que exigiam governos constitucionais, e por trabalhadores e camponeses que se rebelaram contra os excessos e a difusão das práticas capitalistas. Os principais núcleos revolucionários foram Paris, Berlim, Budapeste, Viena e Nápoles, mas a atmosfera de agitação foi igualmente sentida em outras regiões da Itália, Alemanha, Áustria, e até mesmo em Londres. A "primavera dos povos" marcou o despertar das nacionalidades — polonesas, dinamarquesas, alemãs, italianas, tchecas, húngaras, croatas e romenas —, que exigiram dos impérios a concessão de suas autonomias. O movimento foi efêmero (1848-1850), mas o enfraquecimento da monarquia absoluta e o impulso dado aos ideais liberais, sociais e nacionalistas tiveram conseqüências duradouras" (Cf.: Grupo Escolar. Revoluções de 1848. Disponível em: http://www.grupoescolar.com/materia/revolucoes_de_1848.html Acesso em: 22 Jun 2010).

A partir de 1847, uma nova realidade histórica começa e tem suas raízes na Revolução Francesa (1789) e nas idéias iluministas do século XVIII, com princípios de liberdade e igualdade.

Na história da Itália, as “sociedades secretas” junto aos “iluminados” queriam mudar muitas coisas na sociedade da época, dentre elas, banir a religião e a moral dos corações dos homens e abater toda autoridade religiosa e civil. Verificou-se, além disso, um progresso nas artes e nas ciências.

Já a realidade da Revolução Industrial ficou pouco conhecida por Dom Bosco, seja pela sua incidência limitada na Itália, seja pela fragmentação política deste país, que também era econômica e financeira, com relevantes diferenças no desenvolvimento de rígidas barreiras alfandegárias.

Dom Bosco não compreendeu esta realidade, nem mesmo na França, quando a visitou entre 1874 e 1886, pois foi realmente um fenômeno complexo, com forte impacto na sociedade, nos indivíduos, na família, na cultura, nas atitudes e nos comportamentos, ressalta Braido (2008, p.24).

Sem saber, Dom Bosco alinhava-se às idéias de Metternich, ministro austríaco, líder em Viena, que defendia que a liberdade não era o ponto de partida, mas sim o ponto de chegada, e seu eixo e condição era a ordem.

Em toda parte, tanto na França quanto na Itália, instalaram-se regimes absolutistas, mas as forças revolucionárias se organizavam não somente para mudar as instituições políticas, mas também para modernizar as estruturas econômicas, sociais e culturais.

2. Marginalização social nos anos 30 e 40

Os anos de estudos em Castelnuovo não foram fáceis para João Bosco. Por causa da distância da escola, João precisou morar em uma semi-pensão na cidade, em casa de um homem chamado João Roberto, que era alfaiate e músico da região. Quando não era possível voltar para os Becchi⁶ por causa da neve e intenso frio, o sr. Roberto lhe permitia dormir no vão da escada de sua casa.

O senhor Roberto era regente do coral da paróquia de Castelnuovo e incentivou João a participar do coral e a dedilhar a espineta e o órgão. Além da música, com o mesmo professor, João Bosco começou a aprender o ofício de alfaiate. E pouco depois, começou a trabalhar com o senhor Evásio Sávio, ferreiro da cidade. Contudo, ele não imaginava que esses conhecimentos seriam muito importantes posteriormente em suas oficinas no Oratório de Turim.

A maior preocupação de João Bosco naquele momento era juntar algum dinheiro, pois havia decidido dar um passo arriscado, mas decisivo: estudar nas escolas de Chieri. Assim, vê-se na humilhante situação de necessitar pedir dinheiro, pois precisava comprar roupas, calçados, livros e ainda pagar uma pensão mensal. Contudo, com a ajuda do Pe. Dassano, pároco em Castelnuovo, consegue uma boa pensão em Chieri, que seria paga não só com dinheiro, mas também com farinha e vinho enviados dos Becchi por sua mãe e pelo seu trabalho na casa.

⁶ Becchi: pequena aldeia situada no norte da Itália, onde morava Dom Bosco com sua mãe Margarida.

E foi justamente esta fase da vida de Dom Bosco que colaborou para que ele conhecesse os problemas relacionados à juventude, pois teve contato com os cárceres de Turim e com os jovens abandonados nas ruas; e pôde ver de perto o problema da prostituição feminina e a situação da juventude abandonada. Entretanto, ao contrário do que pensava a sociedade da época, não via neles apenas um perigo para aquela, mas principalmente um perigo para eles mesmos; via neles possibilidades e potenciais de mudança de vida.

Neste período, o número de pessoas em situação de mendicância havia aumentado consideravelmente com o crescimento da população (62%) nos anos de 1814 a 1848, devido à imigração de homens e mulheres com mão-de-obra não-qualificada que se distribuíam em diversos ofícios, tais como, ajudantes na construção civil e nos transportes, artesãos, vendedores ambulantes, domésticos e mendigos. Estes últimos acabavam, não raramente, nos furtos, nas agressões e na prostituição, inclusive de menores. Consequentemente, era grande o número de mortalidade e de prisões, afirma Braido (2008, p.33).

Diante dessas realidades, mudam-se as idéias, a legislação penal e a regulação do regime carcerário em Piemonte. Esta mudança buscava unir à punição, a reeducação e a prevenção, pelo isolamento noturno, trabalho braçal diurno, rígido silêncio, hábitos regulares, sóbrios e laboriosos, tudo sob vigilância contínua. Além disso, somente em Turim não havia prisão para mulheres, até então elas permaneciam em prisões mistas. Porém em 1845, é aberta a primeira casa para jovens delinquentes nesta cidade.

A convivência de Dom Bosco dentro dos cárceres foi o que o impulsionou a fundar o 1º Oratório, sempre com o objetivo de agir

preventivamente com os jovens abandonados. Neste local, o jovem encontrava educação, lazer, amizades, moradia, alimento, espiritualidade e amor.

Assim, Dom Bosco cresce em clima de restauração civil e religiosa, e sempre era tocado pelas revoluções, assim como foi pela revolução política dos anos 1847-1865, que foi afirmada por agrupamentos politicamente diversificados que lutavam pela permanência das forças liberais.

Em 1848, associada à Revolução, acontece a laicização progressiva do Estado e, com isso, o tecido social é secularizado e os católicos são colocados à margem da política.

Na Lombardia, região italiana economicamente mais desenvolvida, a intervenção das elites liberais, nesta época, se faz determinante e duradoura, pois se via:

“... uma aristocracia empenhada nos negócios e uma burguesia de tipo capitalista moderno promotora de desenvolvimento econômico e social, com inovações tecnológicas na indústria têxtil, a introdução de navios a vapor para a navegação interna, a promoção de escolas populares” (BRAIDO,2008, p35).

Em um dos seus escritos, *História da Itália*, Dom Bosco fala muito sobre o rei Carlos Alberto⁷ (1798-1849) e seu método de governo, suas reformas e sua catolicidade. Foi ele quem na revolução de 1821, proclamou a constituição espanhola. Dom Bosco dizia que seu governo era marcado pela intenção de fazer florescer a ordem e a moralidade. Dentre suas contribuições políticas para Itália, nesta época, podemos citar:

⁷ Carlos Alberto de Savoia Carignano (Paris, França, 2 de Outubro de 1798 — Porto, Portugal, 28 de Julho de 1849), filho de Carlos Emanuel de Sabóia-Carignan, sexto príncipe de Carignano, e de Maria Cristina de Sassonia-Curlândia. Foi rei da Sardenha, de 1831 a 1849. Figura complexa, ele viveu num período de transição sem ter programas definidos, excluindo o seu ódio pela Áustria, o respeito pela Igreja Católica e o desejo de expandir os domínios da Casa de Sabóia. (Cf.: Wikipedia-A inciclopédia livre. Carlos Alberto da Sardenha. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Alberto_da_Sardenha Acesso em: 22 Jun 2010).

Em 1847 publicou várias reformas em relação ao modo de administrar a justiça e governar os seus súditos. No ano seguinte concedeu o Estatuto, com o qual todos os súditos foram declarados iguais perante a lei pondo, porém, a Religião católica como religião oficial de Estado, e os demais cultos simplesmente tolerados (BOSCO apud BRAIDO, 2008, p.36).

Posteriormente, sensível às expectativas da frente liberal, decretou no dia 30 de outubro de 1847, uma primeira série de reformas, dentre elas:

[...] normas para a autoridade policial em caso de reuniões e sobre a censura, que davam à imprensa a faculdade de tratar de assuntos de administração pública, desde que não fossem vilipendiados a religião e seus ministros, a moral, o soberano, o governo e seus magistrados, os reinantes estrangeiros, suas famílias e seus representantes, a honra dos cidadãos privados (BRAIDO, 2008, p.36).

Um ano depois, no dia 17 de Fevereiro, o rei toma uma decisão histórica quando reconhece publicamente a aliança entre valdenses e a monarquia sabauda⁸. Ele assinou as cartas patentes permitindo aos valdenses⁹ terem todos os direitos civis e políticos que tinham seus súditos, tais como freqüentar escolas, universidades e obter graus acadêmicos.

Porém, quanto ao seu culto e às escolas dirigidas pelos valdenses, não houve inovações, o que acabou gerando alguns problemas que, às vezes, encontravam soluções no regime liberal, especificamente no estatuto de 4 de março, no artigo que dizia que a religião católica, apostólica e romana era a única religião do Estado e os outros cultos existentes eram tolerados de acordo

⁸ Monarquia sabauda foi o reinado de Carlos Alberto de Savoia Carignano.

⁹ "Os valdenses são uma denominação cristã que teve sua origem entre os seguidores de Pedro Valdo, morto em 1217. Ele era um comerciante de Lyon; criou sua doutrina por volta de 1174. Ele decidiu encomendar uma tradução da Bíblia para a linguagem popular e começou a pregá-la ao povo sem ser sacerdote. Ao mesmo tempo, renunciou à sua atividade e aos bens, que repartiu entre os pobres" (Cf.: Wikipedia-A inciclopédia livre. Valdenses. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_Superior_de_Instru%C3%A7%C3%A3o_P%C3%BAblica Acesso em: 23 Jun 2010).

com as leis. Além desses artigos, havia outros que também defendiam os direitos dos valdenses:

“Todos os reinícolas, qualquer que seja seu título ou grau, são iguais perante a lei. Todos gozam igualmente dos direitos civis e políticos, e são admissíveis aos cargos civis e militares, salvas as exceções determinadas pelas leis” (art. 24); “a liberdade individual é garantida” (art. 26); “a imprensa será livre, mas uma lei reprime seus abusos” (art. 28) (BRAIDO, 2008, p.37).

No dia 29 de março, ainda em relação à diversidade de culto, um novo decreto marca a história, pois concedia direitos civis também aos judeus e em 19 de junho a lei proposta por Riccardo Sineo é aprovada pelo parlamento.

No dia 25 de Agosto de 1848, com o decreto que concedia o culto à liberdade, os jesuítas e as Damas do Sagrado Coração do Estado Sardo são expulsos, e os protestantes têm livre espaço para o proselitismo.

Dom Bosco avaliava de forma diferente este Estatuto, não apenas ele em si, mas suas conseqüências. Seu pensamento se alinhava aos dos bispos do Reino Sardo que aceitavam o Estatuto em obediência evangélica ao soberano, mas o que mais lhe preocupava era o impacto disso tudo na vida e nos pensamentos dos jovens.

Estes se reuniam em vários lugares da cidade e julgavam bom tudo o que afrontasse os padres ou a religião. Contra Dom Bosco mesmo foram feitas muitas agressões e para ele foi se tornando muito difícil manter um bom relacionamento com a juventude nesta época.

Além deste, outros problemas confrontavam Dom Bosco, tais como a liberdade de imprensa e a multiplicação das sociedades operárias, que para ele eram anticlericais e irreligiosas.

Mas, com a chegada de Pio IX ao papado, a situação da Igreja melhora, pois este papa concedeu a anistia e modernizou o governo do Estado, o que o fez lucrar a boa aceitação dos súditos e, até mesmo, dos heréticos.

Por outro lado, havia um grande número de forasteiros que vinham para Roma com o intuito de incitar revoltas utilizando-se até mesmo dos benefícios que o papa concedia, contra ele.

Enquanto isso, momentos históricos importantes aconteciam na Itália do Norte, como salienta Braido (2008, p.39): a guerra contra a Áustria pela conquista do Lombardo-Vêneto (24/03 à 09/08 de 1848); o armistício solicitado e obtido pelo general Salasco (09/08 de 1848 à 12/03 de 1849); o turbulento ministério democrático presidido por Vicente Gioberti (15/12 de 1848 à 21/02 de 1849); a tentativa falida de criar a unidade confederativa da Itália mediante o acordo dos princípios moderados restaurados; o fim das repúblicas romana e toscana, com o retorno do papa a Roma e do grão-duque à Toscana; a retomada da guerra contra a Áustria e a derrota desta (23-24/03 de 1849); a imediata abdicação de Carlos Alberto e a sucessão de Vitória Emanuel II.

Paralelamente a estes acontecimentos, o papa Pio IX se recusa a guerrear contra a Áustria e isto faz com que muitos se rebelem contra ele. Esta situação resulta na fuga clandestina do papa para o Reino das Duas Sicílias e de Gaeta no dia 19 de fevereiro de 1849.

Já os rebeldes restabelecem em Roma um governo democrático provisório, com a nomeação papal de Pellegrino Rossi como presidente do Conselho de Ministros, que junto a Nápoles, Florença e Turim buscava criar uma Confederação dos Estados Italianos.

No dia 12 de abril de 1850, o papa Pio IX retorna a Roma e conseqüentemente, acontece a restauração romana, reina a paz em Paris e finda a guerra do Oriente contra a Rússia, pelo Tratado austro-franco-inglês de 10 de abril de 1854 e pelo Tratado de Turim de 1855.

O imperador e rei da Hungria, Francisco José, estava convencido de que favorecer a religião era o meio mais poderoso para conservar os Estados e que o desprezo dela seria sua ruína. Por isso, estipulou em 1855 uma concordata com a Santa Sé que “abolía algumas leis contra a Igreja promulgadas por José II e concedia à Igreja todos os favores e a proteção que se podem desejar de um soberano verdadeiramente católico” (BRAIDO, 2008, p.41).

Os opositores da Igreja nesta época eram, além dos protestantes, os comunistas e os socialistas, que baseados em seus princípios de liberdade e igualdade, contestavam o que no pensamento de Dom Bosco era natural e imutável, ou seja, a autoridade, o direito à propriedade, as diferenças entre ricos e pobres. Para Dom Bosco, não importava o quanto a pessoa tinha em bens, mas sim, como ela os utilizava e o valor que ela atribuía a eles em sua vida.

3. O Estado e a Igreja nos anos 50

Nos anos 50, o Estado estava já buscando romper vínculos com a Igreja, mas também, excluir as posições irreligiosas e anticatólicas, para que pudesse aplicar com coerência os princípios políticos de liberdade e igualdade.

Em relação a isto:

Dom Bosco mostra-se mais reticente e cauteloso perante o efetivo desenrolar-se político do Reino Sardo nos anos 50. Com as eleições de 9/12/1849, o ministério liberal presidido por Massimo d'Azeglio podia contar com o apoio de um forte bloco de centro-direita. Por isso, alinhado ao Estatuto parecia óbvio e possível dar início à política de modernização do Estado (BRAIDO, 2008, p.42).

No dia 25 de fevereiro de 1950, o Ministro Giuseppe Siccardi apresenta à Câmara um projeto de lei para dar uma identidade política ao Estado igualitário de direito, abolindo o foro eclesiástico e o direito a asilo e reduzindo as numerosas festas de preceito e a obrigação de autorização governativa para aceitação de heranças e doações por parte das entidades eclesiásticas.

Alguns dias depois, este projeto de lei é aprovado e assinado pelo rei. Esta ruptura da Santa Sé com o Reino Sardo em 1861 só foi reatada em 1929.

Em 1852 sucedia na presidência de d'Azeglio, Camilo Cavour, homem de extraordinário dinamismo e prestígio. Além de presidente, tomou o cargo de ministro da Agricultura, Comércio e Marinha e ficou temporariamente administrando as finanças. Seu governo foi marcante pelo fato de ter feito uma aliança do partido centro-direita, do qual era líder, com o partido centro-esquerda, cujo líder era Urbano Rattazzi. Esta transformação tendia a por à margem os católicos conservadores e os retrógrados.

Dom Bosco dizia que:

"De muitas maneiras hoje em dia – fazia observar – a religião é desprezada em público e em privado, nos discursos, nos jornais, nos livros! Não há coisa santa e veneranda que não seja visada e não seja censurada e zombada" (BOSCO, 1854 p.30-31).

Nesta época de modernização do Estado havia também um projeto de lei contra os conventos, apresentado pelo ministro de Graça e Justiça Urbano

Rattazzi, o qual, meses depois, obteve boas relações com Dom Bosco, favorecendo assim seu Oratório.

Contudo, esta lei foi aprovada pelo Senado no dia 02 de março de 1855, dentro de um projeto político liberal que tinha como objetivo a desconessionalização do Estado, sua laicização e secularização. Entretanto, esta lei se reduziu apenas ao plano financeiro, pois os interessados buscavam somente eliminar os conventos e confiscar seus bens. Pois a lei:

“... atingia todas as corporações religiosas que não atendiam à pregação, à instrução ou à assistência dos doentes; em síntese, eram suprimidas do Reino Sardo 34 ordens religiosas com 334 casas e 4.500 membros, permanecendo ainda 22 corporações com 274 casas e cerca de 4 mil regulares” (BRAIDO, 2008, p.45-46).

Em seus escritos, Dom Bosco falava desta agitação que havia se levantado contra a Igreja, às ordens religiosas, às Congregações Eclesiásticas, o clero e todas as autoridades da Igreja. Conseqüentemente, observava-se o afastamento da juventude da religião e da vocação, a dispersão dos institutos, o desprezo que os padres sofriam, chegando até mesmo, a serem colocados em prisões ou em presídios domiciliares. Tudo isso preocupava muito Dom Bosco:

Como fundar então uma congregação nova, com a implantação de uma lei que pretende acabar com elas? A solução, por mais incrível que pareça, veio do autor da lei, o ministro Urbano Rattazzi. Ele, que apreciava a obra dos oratórios e reconhecia o bem que era feito pelos meninos de Turim, disse a Dom Bosco: *“O senhor pode fundar uma Sociedade que nenhuma lei poderá jamais afundar [...] uma associação de cidadãos livres, que se unem e vivem juntos com uma finalidade de beneficência”*. Era a forma ideal: a congregação seria formada perante a Igreja por religiosos professos, e perante o Estado por cidadãos livres (GLAUCO, 2009, 8 de Julho).

A mudança do mapa político por piemonteses e franceses foi consequência da segunda guerra da independência¹⁰ em 1859. Também, nesta época estavam sendo criados governos provisórios pelo grão-ducado da Toscana, pelos ducados de Parma e de Módena.

No contexto histórico de Dom Bosco, também aparecem dois ditadores: Bettino Ricasoli na Toscana (1809-1880) e Luigi Carlo Farini em Parma, Módena e nas Legações pontifícias da Romanha (1812-1866).

Finalmente, com os plebiscitos de 11 e 12 de março de 1860, o Reino Sardo, com o exército Sardo-Piemontês, aliado à França, conquistou o Reino Lombardo-Vêneto, no Norte da Península Apenina ou Itálica sob domínio austríaco. E com os plebiscitos de 15 e 16 de abril, houve a anexação à França dos condados de Nice e da Savóia.

Os jovens colaboradores de Dom Bosco, em suas crônicas, expressavam sua crítica contra a política dos unificadores, pois esta política:

“[...] tocava os atos lesivos dos direitos da Igreja, o controle estatal das escolas provadas católicas, a vigilância sobre manifestações de solidariedade ao papa Pio IX, além de medidas contra bispos e sacerdotes. Dom Bosco estava envolvido nisso de muitas formas” (BRAIDO, 2008, p.47).

Nestas crônicas, os jovens também se solidarizavam com o papa e registravam fatos importantes, tais como, a transferência de alguns

¹⁰ “A Segunda Guerra de Independência Italiana, também chamada de Guerra Franco-Austríaca, Guerra Sardo-Austríaca, Guerra Austro-Piemontesa, ou ainda Guerra Austro-Franco-Sarda diz respeito ao processo de unificação italiano. Ela foi travada pela França de Napoleão III e pelo Reino de Sardenha contra o Império Austríaco em 1859. A guerra tem as suas origens nas ambições da casa de Sabóia. Os historiadores vêem nesta ação uma demonstração da ambição política da Condessa de Castiglione (que era amante de Cavour, Primeiro-Ministro do Piemonte-Sardenha). O exército Sardo-Piemontês, aliado à França, queria conquistar o Reino Lombardo-Vêneto, no Norte da Península Apenina ou Itálica (onde hoje se localiza a Itália), sob domínio austríaco. A guerra envolveu cerca de 120.000 franceses, que desembarcaram em Gênova, 40.000 sardo-piemonteses e 180.000 austríacos (vindo este contingente a ascender aos 270.000 efetivos)” (Cf.: Wikipedia-A inciclopédia livre. Segunda guerra da independência. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_de_Independ%C3%Aancia_Italiana Acesso em: 23 Jun 2010).

piemonteses para o Estado pontifício com o intuito de ficar sob a bandeira do papa.

O cardeal Cavour, daquela região e época, era muito determinado em sua posição em relação ao novo Estado, pois não aceitava a convivência entre festas civis e religiosas, defendia o poder temporal do papa e não comparecia a encontros com o rei e com ministros. Devido a esta posição, ele foi preso pela polícia (prisão domiciliar) e como era de seu costume e conduta, não se defendeu e nem acusou terceiros. Contudo, falece no dia 16 de junho de 1861, na vigília da festa de Corpus Christi, numa morte inesperada e rápida. Após sua morte, dizia-se em alusão a ele:

“Era, em todo caso, matriz de profundo desconcerto na vida política, que ficara órfã do seu enigmático mestre tecelão, que sozinho tinha o fio político de todos os negócios” (BRAIDO, 2008, p.49).

Em 1860 e 1861, com a intervenção do exército sardo, os Savóia têm anexado a eles, o Reino das duas Sicílias, Marcas e Úbria, as quais pertenciam ao Estado pontifício.

Já em março de 1861 o Estado da Igreja estava reduzido apenas ao Lazio e fatos determinantes iam acontecendo que favoreciam cada vez mais a unidade política da Itália, tais como a proclamação de Vitório Emanuel II como rei da Itália, o plebiscito pela anexação do Reino das Duas Sicílias e a declaração de Roma como capital.

No dia 15 de setembro de 1864 houve uma Convenção entre França e Itália para discutir: o assunto da retirada das tropas franceses do Estado pontifício, o empenho da Itália em respeitar este Estado, a transferência da capital para Florença e a publicação do Sílabo, no qual são registrados e esclarecidos todos os erros do século. Porém, não foram citados fatos

relevantes da História relacionados a tudo que vinha acontecendo nas relações entre o Estado e a Igreja.

No sul da Itália, após a unificação política, os direitos de liberdade dos bispos e sacerdotes estavam cada vez mais ameaçados, eram dadas ordens de prisões, expulsões, longos exílios forçados e expatriações voluntárias e involuntárias. E ainda “na Itália meridional, 71 dioceses foram privadas da presença do bispo, a começar de Nápoles” (BRAIDO, 2008, p.50).

A lei que forçava a prisão do clero, o incluía entre os ociosos, vagabundos e aqueles que trabalham para restituir o antigo estado de coisas e prejudicam a unidade da Itália e suas livres instituições.

Esta lei também perseguia a Associação Católica Italiana que defendia a liberdade da Igreja na Itália, porém seus membros conseguiram fugir e ela foi dissolvida. Mais tarde surgiu a Sociedade da Juventude Católica composta por militantes do movimento católico. Também se faz necessário ressaltar que foi neste período que o casamento civil foi introduzido no código civil.

No dia 7 de Julho de 1866, uma lei que abolia todas as ordens, corporações e congregações religiosas regulares e seculares, conservatórios e retiros, foi promulgada. E mesmo que os esquerdistas quisessem tirar delas o direito de livre associação, isto ia contra o que apoiava o Estado liberal, portanto, as corporações religiosas continuaram a existir como livres associações.

Visando amenizar as tensões entre Estado e Igreja, Ricasoli pedia aos governadores civis que atendessem aos apelos dos bispos que estavam em prisões domiciliares, usando como argumento a “segurança geral”.

As eleições de 10 de março de 1867 desestabilizaram a direita moderada, Ricasoli demite-se e no dia 10 de abril assume novo ministério, de centro-esquerda, presidido por Urbano Rattazzi.

No dia 15 de agosto foi promulgada a lei que permitia o confisco e a liquidação do patrimônio de todas as ordens religiosas. Este era o momento crucial da revolução burguesa e da laicização do Estado, salienta Braido (2008, p.52).

Em 03 de novembro de 1867, as tropas de Giuseppe Garibaldi, junto às tropas italianas, invadiram o Estado da Igreja e foram vencidas em Mentana pelos Zuavos pontifícios e pelos militares franceses. Contudo, não tardou surgir uma lei que proibisse o serviço militar à vida eclesiástica. Esta lei foi promulgada no dia 27 de maio de 1869.

4. Tensão entre a instrução pública e nacional e a não-estatal

A repentina morte de Camillo Cavour em 1861 abalou consideravelmente o recém criado Estado Italiano, pois a classe política ainda não tinha um enraizamento de base. Tanto é que o sistema eleitoral atingia apenas uma minoria da população, ou seja, a elite socioeconômica.

Além disso, eram nítidos os grandes problemas, tais como a pacificação do território, a disparidade econômica frente aos Estados mais desenvolvidos da Europa, a unificação administrativa e cultural, a pobreza estrutural, a fragilidade dos balanços, o extenso analfabetismo, a carência de cultura disseminada, a heterogeneidade inicial dos sistemas judiciário, bancário,

escolar, das forças armadas e da polícia, pontua cuidadosamente Braido (2008, p.53).

Em relação à falta de uma cultura difusa, notava-se, neste período da história, uma diversidade cultural, social e política, até mesmo dentro das próprias camadas aristocráticas e burguesas, onde havia tanto conservadores quanto progressistas.

Sobre o problema particular da alfabetização, era preocupante a situação do Centro, do Sul e das Ilhas, regiões onde 75% da população ainda era analfabeta, enquanto que no Piemonte e na Lombardia, este número caía para 50%, pois o Noroeste já era um local mais desenvolvido naquela época.

Devido a sucessivas reformas, o sistema escolar do Reino da Itália herdou o mesmo sistema do Reino Sardo. Por já haver uma consciência do valor social e político da educação, foi criado o Ministério da Instrução Pública que controlava as escolas de todas as ordens e graus, obrigando, até mesmo, faculdades, associações e entidades privadas à conformidade de endereçamentos, programas e organização didática, visando a unidade lingüística e cultural italiana.

Pouco tempo depois, é instaurada uma estrutura administrativa hierárquica e verticalista (de cima para baixo), a fim de reforçar esta submissão de todas as instituições educacionais ao Estado, sob pena de não haver admissão, aos exames e cursos estatais, dos alunos das escolas que não cumprissem esta lei.

A instrução religiosa também foi excluída dos programas das escolas secundárias; era ministrada apenas em dias festivos e aos domingos.

Quanto mais acreditavam no papel da escola na formação do cidadão italiano, mais o poder o Estado era reforçado no controle da ordem administrativa da instrução pública.

O artigo 3º da lei definia os poderes do ministro da educação pública: *“Governa o ensino público em todos os ramos, (...) supervisiona o privado para a tutela da moral, da higiene, das instituições do Estado e da ordem pública”* (apud Braido2008, p. 55).

O Estado apenas não tinha estes poderes sobre a escola paterna e sobre o ginásio privado. Em relação à escola paterna (educação dada em casa, sem que o aluno freqüente a escola institucional), o artigo 251 dizia: *“A instrução secundária que se dá no interior das famílias sob a vigilância dos pais ou de quem lhes daz legalmente a vez, aos das famílias e aos filhos dos seus parentes, será isenta de qualquer vínculo de inspeção por parte do Estado”* (apud Braido, 2008, p.55).

Ao cidadão que desejasse abrir um estabelecimento de ginásio privado, o artigo 246 dizia: *“É concedida a faculdade a todo cidadão que tenha completado 25 anos de idade e no qual concorram os requisitos morais necessários, de abrir ao público um estabelecimento de instrução secundária, com ou sem internato, desde que sejam observadas as seguintes condições, entre as quais as principais são aquelas citadas em relação aos poderes do ministro no artigo 3º”* (apud Braido, 2008, p.55).

Para o cidadão que desejasse estudar num desses estabelecimentos, o artigo 247 estabelecia:

O cidadão que quiser servir-se desta faculdade dará conhecimento com declaração por escrito de sua intenção ao Provedor da respectiva Província. A esta declaração, na qual será indicada a cidade e local onde o estabelecimento será aberto, serão anexados os programas de ensino e os nomes dos professores com os títulos de que são munidos (...) enquanto se mantiver nas condições acenadas no artigo anterior, não poderá ser fechado a não ser por causas graves, em que esteja empenhada a conservação da ordem e a tutela dos princípios que governam a ordem social pública do Estado e a saúde dos alunos (apud Braido, 2008, p.55).

Nos anos 60, Dom Bosco refere-se ao seu Oratório como instituto privado, mas de 1878 a 1881, já organiza sua defesa atestando sua na configuração como instituto paterno.

Todas as tentativas de projetos de lei que favorecesse a liberdade de ensino não obtiverem êxito. Nem mesmo os setores liberais, que tinham sistemas mais avançados de ensino em algumas regiões anexadas, conseguiram isto. Cabe citar aqui a região da Toscana como um exemplo de vanguarda na liberdade de ensino.

Dessa forma, prevalecia a concepção de que o Estado era o único que garantia a unidade nacional e na Igreja. E visando fundar novamente e de maneira unitária, a Itália, é que surge a lei Casati. Um dos meios para se chegar a esta unidade era garantir uma ação educativa que infundisse nas massas um espírito nacional comum. Contudo, os resultados não foram dos melhores, pois se confrontaram com dificuldades financeiras, conflitos ideológicos e culturais.

Assim, neste contexto, a escola secundária saía privilegiada em detrimento da primária e ficava a critério dos pais o estabelecimento da idade em que seus filhos deveriam começar a freqüentar as escolas públicas, já que a instrução ali dada era de grau inferior.

Porém, os pais que não proviam a instrução aos seus filhos das formas legalmente reconhecidas, seja pelo ensino privado, seja pelo ensino em família, seriam obrigados a enviá-los, com seis anos completos, ao curso inferior da escola elementar do município, até os nove anos. Além disso, havia multa para os pais inadimplentes.

O que inovou os programas e os métodos da escola pública, principalmente no que diz respeito à formação dos professores elementares, foi a pedagogia positivista, mesmo com suas angústias teóricas, pois estas eram atenuadas pelas idéias de Herbet Spencer, pelo bom senso de Aristide Gabelli e pela moderação de Saverio De Dominicis.

5. Desequilíbrio entre atraso e progresso

Em diversas zonas da Península e, principalmente, no Sul, podia-se notar uma disparidade econômica, cultural e estrutural, ao mesmo tempo em que também esta última era a região onde apareciam as chagas sociais mais profundas da Itália, tais como a pobreza, altas taxas de analfabetismo, atraso industrial, desigualdade social e prepotência dos ricos, que se enriqueciam com os bens eclesiásticos confiscados, sobre uma multidão de pobres. Esta situação, porém, foi agravada com a Unificação Italiana e era neste contexto que o planejamento escolar era desenvolvido.

Um problema mais geral que se observava nesta época era a diferença no crescimento econômico, financeiro e tecnológico, entre a Itália e as demais nações da Europa ocidental.

Via-se, portanto, um crescente desenvolvimento na Inglaterra, país hegemônico, na Bélgica, na França, na Alemanha e em algumas regiões do império dos Habsburgos¹¹, pois nestes lugares eram nítidos os avanços, como a expansão da educação, a organização rápida e moderna da rede ferroviária, a adoção de sistemas produtivos mecanizados, a expansão do sistema de crédito, a revolução agrônômica e, com ela, a ampliação da ocupação em atividades extra-agrícolas.

Enquanto isso, em plena idade do ferro e do carvão, a Itália permanecia sem matéria-prima e sem combustível, totalmente dependente da importação para manter seu mercado financeiro. Além disso, seu aparelhamento industrial era fragmentado e ultrapassado, sua mão-de-obra era desqualificada e sua renda nacional muito baixa em relação aos países vizinhos.

Já no plano jurídico e legislativo, a Itália alcançou o lugar que pretendia de nação de relevantes dimensões, tanto geograficamente, quanto pelo número de habitantes.

A cidade de Dom Bosco, Turim, no final do século ainda não tinha um aparelhamento industrial moderno, as condições de vida dos trabalhadores eram muito ruins, além do desemprego freqüente, horários massacrantes, trabalho por empreitada, abuso da mão-de-obra feminina e infantil e baixa remuneração, principalmente entre os assalariados têxteis.

¹¹ "A Monarquia de Habsburgo incluía os territórios governados pelo ramo austríaco da Casa de Habsburgo e depois pela Casa sucessora de Habsburgo-Lorena, entre 1745 e 1867/1918. A capital era Viena. A monarquia, de 1804 a 1867, geralmente é denominada Império Austríaco e de 1867 a 1918, Império Austro-Húngaro. A monarquia desenvolveu-se das Terras Hereditárias de Habsburgo (a maioria delas localizadas nos territórios das atuais Áustria e Eslovênia), que os Habsburgos possuíam desde 1278. A Monarquia de Habsburgo aumentou em importância na Europa em 1526, quando o arquiduque Fernando da Áustria, o irmão mais novo do Sacro Imperador Romano-Germânico Carlos V, foi eleito Rei da Boêmia e Hungria após a morte de Luís II, o rei daqueles dois países, na batalha contra os turcos em Mohács. A partir dali, a Monarquia cresceu a ponto de chegar, por vezes, a governar mais da metade do território da Europa" (Cf.: Wikipedia-A inciclopédia livre. Monarquia de Habsburgo. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_de_Habsburgo Acesso em: 23 Jun 2010).

Embora não houvesse um movimento operário vivo, como houve no Piemonte, em Milão e na Emília-Romanha, em Turim os trabalhadores se associavam em numerosas sociedades de ajuda mútua entre os operários. Nestas sociedades não havia atividade sindical nem reivindicações, pois os operários não aderiam a posições políticas e nem a organizações partidárias, com exceção dos empregados da construção civil, os ferroviários e os mecânicos que se uniam em pequenos grupos de resistência.

Outro problema sentido em primeiro lugar pelas massas populares era a pressão fiscal que sobre ela era exercida. Esta pressão fiscal crescente foi consequência do déficit de balanço, preço que se pagava pela organização do Estado unitário, a defesa da estabilidade social e política, a extensão da rede ferroviária, as despesas militares e o desenvolvimento da marinha de guerra. E "evidentemente, também foram sobrecarregados intensamente os precários balanços das instituições de Dom Bosco", recorda Braido (2008, p.60).

Nos anos 60, aconteceu a terceira guerra da independência entre Itália e sua aliada, a Prússia, contra a Áustria, que logo fora vencida pelos prussianos. Após os acordos de paz, Vêneto e a Província de Mântua foram cedidas à Itália.

6. Da Roma conquistada aos governos da esquerda histórica (1870-1876)

A diversidade de pensamentos sobre as turbulências que vinham acontecendo na Itália era muito grande e causava excitação no país. Eram filósofos modernos, livros, jornais, máximas políticas, sociedades secretas,

maçonaria, socialismo, livres pensadores, espíritas e semelhantes, cada um da sua forma tentando se posicionar.

No entanto, depois de 25 anos de liberalismo de direita, esta foi substituída pela esquerda em 1876. Porém a diversidade de pensamentos continuou entre os esquerdistas, que em sua maioria era decididamente laicista e anticlerical, fortemente influenciados pela maçonaria, da qual faziam parte seus principais representantes.

O plano de governo da esquerda era claro: defender o Estado laico e lutar contra o clericalismo, dar caráter obrigatório à educação elementar, descentralizar o administrativo, diminuir e redistribuir a carga fiscal, em favor do Sul e ser fiel à monarquia.

Dom Bosco, em meio a tudo isso, tinha um bom relacionamento tanto com o presidente Depretis¹², quanto com alguns dos ministros, tais como o do Exterior, o do Interior, o dos Trabalhos Públicos, o da Instrução Pública e o da Marinha. Todos eles, exceto o do exterior, eram afiliados à maçonaria.

Em 1876, Depretis abria uma campanha eleitoral muito agradável aos esquerdistas, pois prometia:

Alargamento do sufrágio universal, instrução elementar obrigatória, abolição da moeda não conversível em ouro, reforma tributária, eleição dos prefeitos e dos presidentes dos conselhos provinciais, reorganização das ferrovias e dos serviços postais marítimos, potenciação da marinha militar, estipulação de novos tratados para tutela da indústria nacional (BRAIDO, 2008, p.62).

¹² “Agostino Depretis (Cascina Bella, 31 de janeiro de 1813 - Stradella, 29 julho 1887): político italiano, foi presidente do Conselho de Ministros italiano durante nove períodos” (Cf.: Wikipedia - A enciclopédia livre. Presidente Depretis. Disponível em: http://it.wikipedia.org/wiki/Agostino_Depretis Acesso em: 23 Jun 2010)

E foi com este plano de governo que Depretis venceu com 70% dos votos.

Em 1877, a ministra da instrução pública, Michele Coppino, demite-se, pois estava sendo acusada de bigamia. Duas semanas antes, porém, Dom Bosco havia enviado-lhe seu projeto de sistema preventivo.

Aos homens de esquerda deveram-se alguns direitos e leis por eles conquistados, como por exemplo, a lei sobre o trabalho infantil e feminino, promulgada no começo do ano de 1886, que vetava trabalho geral de crianças com menos de 9 anos, o trabalho nas minas de quem tivesse menos de 10 e o trabalho noturno aos que tinham menos de 12 anos, detalha Braido (2008, p.62). Já a lei sobre o trabalho feminino foi promulgada apenas em 1902.

Consumido pelo trabalho, Dom Bosco fechou o ciclo de sua vida terrena aos 72 anos de idade, a 31 de janeiro de 1888 e foi canonizado pelo seu amigo Papa Pio XI na Páscoa de 1934. É lembrado hoje como renovador do Sistema Preventivo na educação da juventude e defensor intrépido da Igreja Católica.

Assim, é neste contexto que nasce e vive Dom Bosco, cuja pedagogia será abordada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II – A PEDAGOGIA DE DOM BOSCO

Neste capítulo será estudado o método educativo preventivo de Dom Bosco, incluindo: o perfil dos seus educandos; a personalidade e a consciência educativa do autor; os componentes ético-religiosos e humanísticos desta pedagogia; e os princípios básicos de seu método de ensino.

O objetivo é compreender rigorosamente os principais traços característicos da proposta pedagógica de Dom Bosco, a fim de, no capítulo seguinte, analisá-la à luz das considerações de Saviani.

1. O perfil dos educandos de Dom Bosco e a situação psicológica em que se encontravam

É importante esclarecer para qual perfil de jovem Dom Bosco pensou, criou e desenvolveu sua pedagogia, pois isso facilitará o entendimento da sua linha de pensamento e a didática que ele utilizava com seus alunos.

Os primeiros jovens que Dom Bosco encontrou em Turim tinham duas características em comum: o abandono e a carência total de alimento, moradia e trabalho.

Contudo, nem todos eram delinqüentes, mas em perigo de se o tornarem, devido às circunstâncias em que se encontravam. Precisavam, portanto, de alguém que lhes desse novas oportunidades e que os integrasse com dignidade à sociedade. Alguns desses jovens eram provenientes de prisões e tinham de 12 a 18 anos de idade, os quais Dom Bosco conheceu e

dos quais se tornou amigo nos cárceres e que, depois, em liberdade, procuravam o apoio dele para recomeçarem a vida.

Outros, porém, eram migrantes que chegavam a Turim desorientados, longe da família, sozinhos. Provinham de Biella, Verselli, Novara, Valle d'Aosta, Milão, Como, Suíça e de algumas províncias do Reino.

Mas, havia também aqueles que eram de Turim mesmo, em geral, mal educados e muito ignorantes, diz Scaramussa (1984, p.30).

Por último, encontravam-se os jovens que trabalhavam em diversos ofícios, em serviços de construção, em limpeza de chaminés, ou até mesmo, pedindo esmolas e oferecendo-se para qualquer tipo de serviço. Com estes últimos, Dom Bosco se preocupava mais, procurava-os todas as manhãs e juntos a eles, buscava emprego e quando já empregados, visitava-os em seus locais de serviço durante a semana.

Estes jovens eram muito inseguros, pois além do problema do trabalho, eles não tinham onde dormir e toda noite tinham que procurar algum lugar para descansar.

2. A personalidade que influenciou a pedagogia

Dom Bosco, ao que parece, tinha sempre uma visão clara e penetrante das coisas, além de uma memória excelente, que colaborou para que ele se lembrasse de seus sonhos proféticos relacionados ao Oratório e à Igreja.

Em relação ao seu temperamento, pode-se destacar que ele era um padre educador muito carismático, com uma experiência de vida muito rica e que condicionou diversamente suas vivências pessoais. É possível afirmar isto

por ele ter vivido sua infância num ambiente rural, sua adolescência numa escola da cidade e sua juventude no seminário, conta Scaramussa (1984, p.35).

O primeiro momento de sua vida influenciou muito em sua formação como pessoa, pois já com 2 anos de idade, perdeu seu pai e a autoridade da sua casa foi passada para sua avó e, após a morte desta, esta responsabilidade foi transferida para sua mãe Margarida, uma mulher trabalhadora, enérgica, mas também muito paciente e profundamente religiosa, a qual foi a responsável por sua formação inicial cristã e católica.

Dom Bosco também teve dois irmãos mais velhos, Antônio e José. O primeiro, filho do primeiro casamento do pai, era revoltado contra a autoridade da madrasta e maldoso com os dois irmãos mais novos.

É importante observar que ele viveu num clima de austeridade e privações. Foi privado da presença paterna, do alimento (fome e pobreza) e, devido a estas circunstâncias, começou a trabalhar muito cedo.

Foi neste tempo, com nove anos, em meio a todas estas dificuldades que Dom Bosco teve seu primeiro sonho profético para seu futuro. Neste sonho, ele via vários jovens rindo, se divertindo e muitos deles blasfemando, atitude esta que chamou sua atenção e o incomodou, a ponto de fazê-lo ir até eles para tentar calá-los por meio de socos e palavras.

Neste momento, aparece no sonho um homem com um manto branco e com o rosto iluminado, que lhe dizia que não era daquela forma que ele ganharia a amizade daqueles jovens, mas sim com mansidão e amor, orientando-os sobre os males do pecado e a riqueza das virtudes.

Dom Bosco replicou-lhe dizendo não ser capaz e achar aquela missão impossível, porém o homem lhe dizia que era possível se ele fosse obediente e adquirisse a ciência.

Depois, viu ao lado daquele homem, uma mulher de aspecto majestoso e com um manto resplandecente e ao redor deles os jovens que haviam se transformado em animais. Logo em seguida, viu que de animais ferozes, eles haviam se mudado em animais mansos a correr em volta dos dois, fazendo-lhes festa.

Este sonho deu a ele a esperança de que pudesse fazer a diferença no meio em que vivia, com seus talentos e força de vontade.

Neste tempo, em que freqüentava a escola, João Bosco teve a oportunidade de conversar com o capelão Pe. Calosso, e nestas conversas João era muito sincero quanto às dificuldades¹³ que tinha nos estudos, na família e também sobre a sua vocação sacerdotal. Este padre, em comum acordo com a mãe de João, resolveu que este deveria voltar para casa da mãe e continuar seus estudos na casa do padre, que se situava próxima à sua.

Nesta época, Dom Bosco tinha 14 anos e encontrou no Pe. Calosso, um pai, pois ele o orientava em seus estudos, nas dificuldades familiares e em sua vocação. Por isso, para ele foi muito difícil lidar com a morte deste sacerdote amigo em 1830, mas a experiência que viveu com este padre perdurou por toda a vida, principalmente para seus primeiros encontros com os jovens de Turim, no seu modo de ser sacerdote-educador.

Após a morte do Pe. Calosso, Dom Bosco continuou seus estudos na escola de Castelnuevo e no colégio municipal de Chieri, locais onde ele viveu

¹³ A respeito dessas dificuldades, ver no capítulo I, o tópico 2.

os melhores anos de sua adolescência (1831-1835). Foi neste período que ele descobriu traços fortes de sua personalidade, os quais posteriormente seriam fundamentais em sua pedagogia, a saber, o clima de amizade e de alegria em meio aos jovens.

Mas, junto a este clima bom de amizades, viveu também um momento de angústia e insegurança, um verdadeiro drama pessoal, para tomar a decisão da sua vocação, pois ele sentia falta de alguém, de um sacerdote como o Pe. Calosso, que o orientasse nesse sentido.

Contudo, em 1835, no dia 30 de Outubro, depois de ter passado pela dúvida de ser frade franciscano, ele entra no seminário de Chieri.

O que mais Dom Bosco buscou no seu tempo de seminário foi manter um bom relacionamento com seus superiores, baseando-se na experiência positiva que teve com o Pe. Calosso. Mas, ao invés de êxito, obteve decepção. Contudo, os nomes destes sacerdotes são silenciados em seus escritos.

Além deste problema, Dom Bosco também não se sentiu satisfeito quanto ao ensino ministrado no seminário, o qual ele considerava muito dogmático e especulativo, longe da realidade e das necessidades dos seminaristas.

Mesmo assim, Dom Bosco não desistiu de sua vocação e com o passar do tempo:

“... parece que Dom Bosco superou a crise afetiva e conseguiu cobrir as lacunas sentidas em sua formação clerical. Chegou, inclusive, a manifestar uma opinião mais positiva a respeito dos superiores e colegas da época” (SCARAMUSSA, 1984, p.42).

Cada vez mais sentia dentro de si o chamado de Deus para ser um bom sacerdote para o seu século e, por isso, estava muito disposto a desprender-se

de costumes e atitudes que ele não considerava compatíveis com este estilo de vida que escolhera.

Em certa ocasião, Dom Bosco deixou transparecer sua insegurança:

“Agora que conheço as virtudes que se exigem para um passo tão importante, convenço-me de que não me achava bastante preparado; não havendo, porém, quem cuidasse diretamente da minha vocação, aconselhei-me com o Pe. Cafasso; disse-me ele que fosse para a frente, confiando na sua palavra” (BOSCO, 1982, p.84).

Enfim, no dia 5 de Junho de 1841, Dom Bosco foi ordenado sacerdote, demonstrando apenas entusiasmo, pois acabara de realizar um de seus sonhos.

3. Método requerido para estudar a Pedagogia de Dom Bosco

Pelo fato deste autor não ter sistematizado por escrito sua pedagogia, este tópico abordará uma das formas pelas quais seu estudo pode ser empreendido.

Sendo Dom Bosco não só um educador, mas também sacerdote, tinha outras, e não poucas, obrigações e preocupações próprias desta função, e talvez seja um dos motivos pelos quais não escreveu nenhum livro falando sobre sua pedagogia especificamente. Contudo, escreveu muito, mas como sacerdote-educador.

Dessa forma, sua pedagogia pode ser encontrada num confronto entre seus escritos e sua prática educativa.

Por exemplo, na primeira obra de Dom Bosco, na qual ele escreve sobre a biografia de Luis Comollo, um amigo do seminário e companheiro de estudos,

pode-se encontrar elementos sobre a vida, a espiritualidade e o pensamento pedagógico de Dom Bosco.

Em outros escritos, tais como na obra *História sacra* e na *História eclesiástica*, nota-se que Dom Bosco tinha uma preocupação em adaptar sua linguagem à dos jovens, para despertar neles o interesse e até mesmo atitudes adequadas frente aos fatos abordados. Além disso, “Dom Bosco comparava a mente do jovem a uma ‘planta tenra, que precisa de cuidados’” (SCARAMUSSA, 1984, p.60). Salientava, ainda, a doçura e a afabilidade como características importantes para aquele que vai se relacionar com o povo, seja um sacerdote, seja um educador.

Num regulamento que ele escreveu para o Oratório, descreve como deve ser um diretor em relação aos seus alunos: amigo, companheiro, irmão, paciente, que deve vigiar e corrigir com amor. Também neste regulamento, considerava as práticas religiosas e as atividades recreativas como recursos educativos.

Numa outra obra, na qual fala sobre a vida de um de seus alunos, Domingo Sávio, também se pode observar claramente alguns dos seus princípios educativos, dentre eles: a busca da conquista do coração do jovem através do diálogo; a proposição de um modelo de santidade, no qual a religião é o fim principal na consciência do educando; a confiança paterna e filial caracterizando a relação educador-educando; e a intervenção do educador na vida social do educando, para que este seja sempre alegre e bondoso com seus colegas. Assim, os jovens amadureciam num clima de familiaridade, espontaneidade e liberdade, sempre numa convivência sadia com o educador.

Já nas biografias de Magone e Besuco que Dom Bosco escreveu, nota-se mais fortemente os seguintes traços de sua pedagogia: a alegria, a bondade do coração, a amizade, a gratidão, o cristianismo, o sobrenatural, a formação humana do jovem, o empenho humano do dever e do esforço.

Do ponto de vista religioso, pode-se dizer que a religião para Dom Bosco e também para muitos jornalistas católicos e pedagogos da época, tinha um valor muito grande e até insubstituível no processo educativo. Tanto que sua pedagogia foi muitas vezes chamada de “pedagogia espiritual”, pois sua essência é religiosa, sobrenatural e cristã. Este, portanto, era o princípio e o fim da educação para ele. E, conseqüentemente, julgavam negativo o que era contrário à Igreja Católica.

Dom Bosco até mesmo escreveu um romance pedagógico *Valentino o La vocazione impedita*¹⁴, no qual colocou em confronto a educação laica e a educação cristã. No final da obra, um pai se convence de que não há verdadeira educação sem religião.

Muitas vezes, durante o estudo da pedagogia de Dom Bosco, lemos algo retirado da obra *Memórias do Oratório*. Isto porque esta obra não é uma biografia nem um documento histórico, como as que vimos até agora, mas sim recomendações de Dom Bosco, escritas por ele aos 60 anos de idade, para os educadores que dariam continuidade a sua obra, seguindo sempre suas diretrizes e seu estilo.

Scaramussa (1984, p.64) destaca o valor desta obra quando diz que:

¹⁴ BOSCO, Giovanni. *Valentino o la vocazione impedita*. Introduzione e testo critico a cura di Mathew Pulingathil. Roma, LAS 1987.

“Pe. Braido considera as *Memórias* como “fonte primária para a compreensão das inspirações fundamentais, das orientações educativas de Dom Bosco e das estruturas organizativas através das quais foram originalmente e, para a grande parte, definitivamente expressas”.

Outra obra de Dom Bosco na qual ele é mais específico no assunto educação e precisamente no que diz respeito à sua pedagogia, é o opúsculo sobre o *Sistema Preventivo* que criara, no qual ele relacionava suas experiências com suas reflexões sobre os problemas educativos. Foi nesta obra que ele chamou, pela primeira vez, seu sistema educativo de “sistema preventivo”, e foi escrevendo-o que conseguiu dar uma formulação concreta dos elementos que constituiriam sua pedagogia.

Todavia, não se deve esperar muito deste opúsculo, que não esconde suas limitações, quando deveria ser um grande tratado de rigor científico do seu sistema preventivo de Educação. Por isso, se torna mais rico o estudo desta pedagogia pelo confronto dos documentos escritos pelo autor com a riqueza da sua prática. Segundo Scaramussa (1984, p.66), “conclui-se que, na verdade, é apenas um índice indigente e um esquema, não de todo harmônico, daquilo que poderia ser um amplo tratado sistemático”.

Posteriormente ao opúsculo foram escritos mais alguns documentos relevantes para o estudo da pedagogia de Dom Bosco. A começar por uma circular sobre castigos, escrita por um de seus colaboradores e posteriormente aprovada por ele.

Merecem atenção os sonhos proféticos de Dom Bosco tanto para a igreja quanto para o Oratório e, conseqüentemente, para sua obra, para seu sistema educativo e para a vida dos seus jovens.

Um destes sonhos, descrito em uma carta no dia 10 de maio de 1884, foi considerado, pelo seu conteúdo, o documento mais importante que Dom Bosco

redigiu sobre educação, pois nele o autor expressa muito bem a essência da sua pedagogia e da educação cristã.

Por último, há o Epistolário de Dom Bosco, que contém documentos também muito relevantes do ponto de vista pedagógico.

Assim, será sob este ponto de vista que deverá ser feita a análise de sua pedagogia, ou seja, compreendendo bem o contexto histórico, político, social, cultural e também religioso, no qual viveu este sacerdote-educador e analisando a obra em que ele fornece os indícios das características de sua concepção pedagógica.

4. A consciência educativa de Dom Bosco

Todo este contexto em que Dom Bosco estava inserido condicionou sua mentalidade e o direcionou a uma idéia central que movia toda a sua atividade, qual seja, a da salvação de almas pela Igreja Católica.

Assim, devido a este pensamento, não se pode esquecer que seu objetivo não era apenas ajustar a juventude pobre e abandonada na sociedade, mas também inseri-la na Igreja.

Para Dom Bosco, "não aderir à Igreja Católica equivalia a não aderir a Cristo, que a instituiu" (SCARAMUSSA, 1984, p.75).

A pedagogia de Dom Bosco era para ele um estilo de vida, o qual vivia intensamente. Ela foi a resposta que encontrou para os problemas da juventude da época.

Para estudá-la, vamos separar o método do conteúdo; contudo, sabe-se que, na prática, estes dois elementos foram e são inseparáveis e interdependentes, integridade adotada até mesmo como estratégia.

A consciência educativa de Dom Bosco tinha duas dimensões: a caritativa e a pastoral. A primeira visava a assistir materialmente o jovem em suas necessidades básicas; a segunda, salvar sua alma. Dentro dessas duas dimensões, encontra-se o conteúdo e os componentes essenciais, do sistema preventivo por ele formulado, os quais podem ser divididos em componentes ético-religiosos e componentes humanísticos.

4.1. Componentes ético-religiosos

A espiritualidade de Dom Bosco dava consistência ao seu método, o qual tinha um modelo religioso que caracterizava sua pedagogia, diz Scaramussa (1984, p.75).

Esta mentalidade tinha como centro, Deus, o qual é o criador, Senhor, Redentor, Princípio e Fim de todas as coisas. Ele criou o homem, a mais perfeita das criaturas visíveis, com corpo e alma, sendo o primeiro, instrumento da alma, e esta, aquela que torna o homem imagem e semelhança de Deus e que dá a ele os requisitos essenciais do espírito: memória, intelecto, razão e vontade. Nota-se aqui a presença da visão dualista de homem (corpo e alma) e do platonismo.¹⁵

¹⁵ “A Filosofia Platônico-cristã refere-se a duas correntes: por um lado, à apropriação da filosofia platônica pelos primeiros padres da Igreja (a chamada Patrística) e por outro, a um desenvolvimento ‘natural’ da própria filosofia platônica, que em muitos pontos pode ser interpretada como mantendo uma relação de identidade ou ao menos de perfeita justaposição com a doutrina cristã (concepções metafísicas e morais tais como o dualismo psico-físico, a superioridade intrínseca do ‘outro mundo’ - mundo das idéias em Platão, Reino dos Céus no

No entanto, Scaramussa (1984, p.75) afirma que “o modo de exprimir-se de Dom Bosco ia além de uma pura especulação filosófica, e buscava na Revelação outros elementos complementares desse conhecimento de homem”.

O modelo educativo de Dom Bosco era inspirado em elementos religiosos, divinizando assim a ação humana, podendo-se falar, até mesmo, em “teologia da educação”, na qual o educador é instrumento de Deus e sinal do amor divino pelos jovens, conforme diz Scaramussa (1984, p.76).

Um destes elementos religiosos que inspirava Dom Bosco quando pensava na relação educador–educando era, por exemplo, a relação de Deus Pai com Deus Filho e também de Deus Pai com as suas criaturas e seus filhos.

A religião, para Dom Bosco, não era algo apenas externo à pessoa, que a levava simplesmente a cumprir certas práticas religiosas, mas sim algo verdadeiro, que o movia para o bem, para uma decisão por Deus, a qual brotava do coração humano, livremente e por amor. E pelo uso da inteligência e da vontade, a convicção religiosa era fundamentada com argumentos racionais e históricos. Por isso, “Dom Bosco exigia um mínimo de práticas de piedade exteriores e incentivava os momentos de diversão sadia, de trabalho empenhado, de estudo sério” (SCARAMUSSA, 1984, p.77).

Contudo havia algumas práticas religiosas pelas quais Dom Bosco tinha especial devoção e, conseqüentemente, era sobre elas que ele mais falava aos jovens. Eram estas: confissão, comunhão, instrução catequética, devoção mariana e obediência à Igreja na pessoa do Papa.

cristianismo - em relação ao mundo presente, o corpo como 'prisão da alma', etc.). Posteriormente, com os chamados neo-platônicos (em especial, Plotino), ganha ênfase a fusão de elementos místicos da filosofia platônica e da doutrina cristã, como práticas de ascese e 'visualização' ou experiências místicas, como por exemplo, a visualização da idéia suprema (a idéia do Bem, para Platão), sendo entendida como a experiência de contato com o Deus cristão enquanto bondade absoluta" (Cf.: Wikipédia – A enciclopédia livre. Filosofia Platônica. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_Platônica-cristã Acesso em: 24 Jun 2010).

Na confissão, Dom Bosco procurava sempre colocar-se como um amigo, pai e conselheiro dos jovens. Ele ouvia os pecados e orientava os meninos caminhos para não caírem mais neles ou sobre formas de vencê-los. Além disso, incentivava os jovens a traçar metas e ajudava-os a pensar em métodos para alcançá-las. Ele também os auxiliava a resolver seus problemas pessoais e a tomar decisões.

Contudo, não era apenas em momentos de confissão que Dom Bosco se colocava a disposição para essas conversas. Na realidade, ele sempre tinha uma palavra amiga para cada aluno que o procurasse com alguma dificuldade cotidiana.

A comunhão eucarística era incentivada por ele devido ao seu pensamento dualista, pois assim como o corpo precisa do alimento material, a alma precisa do espiritual. Sendo assim, a Eucaristia era o alimento da alma que fortaleceria o jovem naquilo em que ele se achava fraco e contra o que humanamente, não teria forças para lutar.

Na instrução catequética, Dom Bosco visava a amadurecer a fé dos jovens, dando-lhes fundamentos e argumentos da doutrina e da moral católicas. Esta instrução podia acontecer de diversas formas, seja formalmente numa celebração ou numa meditação, seja informalmente numa conversa individual com um jovem, de acordo com sua necessidade e interesse.

Numa carta em que ele escreve sobre o estado do Oratório, afirma: "Se alguém é visto somente a pregar do púlpito dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever, mas se diz uma palavra no recreio, é a palavra de alguém que ama" (BOSCO apud SCARAMUSSA, 1984, p.153).

Ele sempre salientava ao jovem que a vida não era apenas um dom dado a ele por Deus, mas sim uma missão, na qual cada um tem o compromisso de colocar seus talentos a serviço dos outros.

Para isso, era sugerido aos jovens um programa de vida, no qual Dom Bosco incentivava veementemente a eles que buscassem as seguintes virtudes: a modéstia, a humildade, a obediência, a caridade, a alegria, o estudo e a piedade. Além destas, era recomendada também a pureza, a retidão na intenção, eliminação de maus hábitos (fumo, gula, preguiça e ócio) e ter um caderno para anotações de reflexões e propósitos diários, semanais e mensais.

Estes eram, portanto, alguns dos componentes ético-religiosos da prática educativa de Dom Bosco.

4.2. Componentes humanísticos

Ao lado da preocupação em formar bons cristãos, estava também a de formar bons cidadãos. Para isso, o jovem necessitava de uma boa formação humana, moral e profissional, que valorizasse a saúde física e mental, a educação cívica, o respeito, a ciência, a razão, o bom senso, as boas maneiras, a disciplina, o estudo e o trabalho. Em relação a isso, Scaramussa afirma que:

"Dom Bosco detestava o sentimentalismo e o pietismo. Preocupava-se com os interesses imediatos dos jovens, com sua situação social, sua profissionalização e suas responsabilidades futuras" (SCARAMUSSA, 1984, p.85).

Diante da realidade dos seus jovens, ele exigia deles apenas o que era essencial: o cumprimento dos deveres para que tivessem tempo também para expandirem toda a sua energia por meio de passeios, música, teatro, além de

terem ampla liberdade de saltar, correr e gritar. Estes eram elementos que tinham lugar importante na pedagogia de Dom Bosco, pois para ele o jovem deveria agir como jovem.

É interessante perceber que Dom Bosco não gastava muito tempo com sermões, mas educava os jovens para a responsabilidade através do trabalho que lhes dava a oportunidade de executar, pois acreditava firmemente na eficácia educativa do trabalho.

Em *Memórias do Oratório*, escreveu que se os rapazes que saíam das casas de punição encontrassem alguém que lhes amparassem e lhes dessem um emprego digno, além de assisti-los em dias festivos e visitá-los pelo menos uma vez por semana, com certeza eles deixariam os hábitos passados para se tornarem honestos cidadãos.

Em termos didáticos, Dom Bosco não simpatizava com aulas expositivas que tornavam passivos os alunos e que atingiam apenas os que tinham mais facilidade de assimilação dos conteúdos. Ao contrário disso, ele pensava mais naqueles que tinham mais dificuldades no aprendizado e procurava despertar neles a atenção e a participação ativa por meio de perguntas, explicações, repetições, dramatizações, sessões literárias e representações teatrais.

Dessa forma, nota-se que o educando era muito valorizado na atividade educativa de Dom Bosco, expressando assim a sua preocupação humana.

5. Princípios básicos do método

Dentre os princípios mais fundamentais do método de ensino adotado por Dom Bosco, podem-se destacar, de um lado, a *amorevolezza*, em sua tripla

dimensão: amorosa, afetuosa e religiosa e, de outro lado, a importância dada ao ambiente de tipo familiar.

5.1. A *amorevolezza*, a razão e a religião

Observando seus jovens, Dom Bosco foi percebendo que uma das necessidades mais gritantes que eles tinham era a de afeto e familiaridade. *Amorevolezza* foi o termo que ele encontrou para responder a este apelo dos seus.

Para Dom Bosco, *amorevolezza* era amor educativo, caridade sobrenatural que vinha de Deus para os jovens através dos educadores e que tinha três dimensões: amor, razão e afeto.

A razão era muito importante para que este amor fosse equilibrado, aberto e racional, evitando assim qualquer tipo de sujeição, pressão emotiva e sentimental, para que tudo fosse normal, simples e natural.

Pequenas atenções, respeito e dedicação afetuosa por parte do educador levavam o educando a ter laços de confiança, amizade e colaboração espontânea com aquele. Este princípio transformava o ambiente educativo num ambiente familiar e muito fraterno, fazendo até mesmo com que problemas disciplinares fossem resolvidos sem correções severas, castigos e expulsões.

Assim, o mínimo que se exigia numa relação educador-educando era que fosse espontânea, próxima e sem etiqueta.

Em relação a isto, Scaramussa (1984, p.90) destaca algumas afirmações freqüentes de Dom Bosco: "Proceda de tal modo que todos aqueles

com os quais fala tornem-se seus amigos." Além disso, ele sempre recomendava aos educadores dois pontos cardeais:

"Fazer-se amar e não fazer-se temer... Repito-vos, não vos esqueçais jamais da doçura dos modos; conquistai os corações dos jovens por meio do amor... Quem sabe que é amado ama, e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens".

Portanto, para Dom Bosco, aquele educador que se decide a educar com a *amorevolezza*, deve estar disposto a enfrentar todo incômodo e toda fadiga para conseguir o seu fim, que é a educação cívica, moral e científica dos alunos.

Quantos às regras, o educador deveria, amigavelmente, orientar os educandos da existência delas, lembrando-os delas sempre que necessário, como forma de ajudá-los a não descumpri-las e de evitar, assim, indisciplinas e correções desagradáveis. Assim, "O amor estabelecia a medida da disciplina e dominava tudo. A caridade substituía realmente a 'frieza de um regulamento'" (SCARAMUSSA, 1984, p. 92).

Estes avisos prévios, que caracterizam o sistema preventivo de Dom Bosco, deveriam ser leais e sem ambigüidades. Afinal, nesta pedagogia as regras são criadas em prol do aluno, para ajudá-lo no processo educativo.

Muitas vezes era necessário um diálogo persuasivo bem afetivo e respeitoso sobre determinada regra para que o educando compreendesse e tomasse consciência da sua responsabilidade pessoal e social.

A disciplina, no pensamento de Dom Bosco, era fundamental numa comunidade familiar numerosa, na qual todos eram iguais diante das regras, não havendo superior e inferior, pois todos deviam obediência a elas. Dom Bosco afirmava:

A autoridade pedagógica, porém, não era constituída somente pela autoridade objetiva dos princípios ético-religiosos propostos ao aluno, mas também pela encarnação destes princípios na pessoa do educador, amigo e benfeitor do jovem e reconhecido como tal por ele... A força que nos move é uma força moral (BOSCO apud SCARAMUSSA, 1984, p.91).

Assim, o primeiro castigo que ele recomendava aos educadores era repreender o educando com um olhar descontente, severo e triste. Mas, se mesmo assim o educando não se arrependesse e não mudasse de atitude, o educador deveria chamá-lo para conversar particularmente.

Em outros casos, os educadores viam fruto em dar ao educando algum estudo específico, tal como o de uma poesia, fosse ela sacra ou profana.

Em casos nos quais o educador já tivesse utilizado os três princípios da razão, da religião e da *amorevolezza*, sem, contudo, obter êxito com o educando, Dom Bosco sugeria o castigo da expulsão, por amor aos colegas prejudicados, aos educadores enganados e até mesmo àquele que infringiu tal regra.

Em seu opúsculo sobre o *Sistema Preventivo*, dizia:

“Salvos raríssimos casos, as correções, os castigos, não se dêem jamais em público, mas em particular e longe da vista dos companheiros. Use-se a máxima prudência e paciência para fazer com que o aluno compreenda sua falta com a razão e com a religião” (BOSCO apud SCARAMUSSA, 1894, p.92).

Isto porque, para ele, o castigo não podia gerar no aluno raiva do professor e desejo de vingança, mas sim o arrependimento e o desejo de se reconciliar com ele.

De todo modo, Dom Bosco sempre afirmava que não simpatizava nem com castigos violentos nem com castigos leves, pois são formas de impor punições que vão totalmente contra os princípios sua pedagogia.

5.2. O ambiente educativo

O ambiente, na pedagogia de Dom Bosco, tinha uma estrutura familiar, na qual o local era chamado de "casa" e não de "colégio", os educadores eram chamados de "pais" e não de "superiores" e os educandos, conseqüentemente, de "filhos".

Esta idéia de ambiente veio da observação de Dom Bosco em relação aos jovens, os quais, por não terem um ambiente familiar, tinham grande necessidade de preencher esta lacuna.

Neste ambiente, os jovens não recebiam uma formação coletiva e massificada, mas sim uma formação por meio de conversas afetivas permeadas pela amizade e familiaridade do educador.

Até mesmo as normas eram reduzidas para que o ambiente se tornasse mais agradável e o clima permanecesse sempre alegre, afinal:

"A alegria era expressão autêntica da naturalidade do ambiente e do relacionamento familiar. (...) Tornava-se, sobretudo, um meio pedagógico: clima e ocasião para aproximar-se dos jovens e falar-lhes pessoalmente" (SCARAMUSSA, 1984, p.95).

Dom Bosco indicava vários meios para que a alegria fosse expressa no ambiente educativo, tais como: a liberdade do pátio, os momentos de recreação, teatros, declamações, excursões, música, canto, etc.

Assim, conclui-se que a pedagogia de Dom Bosco talvez seja mais adequadamente denominada de prática educativa de Dom Bosco, uma vez que os aspectos pedagógicos de seu Sistema Preventivo foram mais vivenciados por ele e seus educandos do que formulados teórica e sistematicamente. Daí a

importância de se tentar empreender essa sistematização, tarefa a que se dedicou o presente capítulo, ainda que de forma incipiente. No capítulo seguinte será empreendido um esforço de problematização e de compreensão crítica dessa pedagogia.

CAPÍTULO III - ANÁLISE DA PEDAGOGIA DE DOM BOSCO A PARTIR DA CLASSIFICAÇÃO DAS TEORIAS PEDAGÓGICAS PROPOSTA POR DERMEVAL SAVIANI

Este capítulo visa a fazer uma análise da pedagogia de Dom Bosco, utilizando para isto a classificação proposta por Dermeval Saviani das teorias pedagógicas apresentadas no capítulo primeiro de obra *Escola e Democracia* (SAVIANI, 1993).

Primeiramente, essa análise tomará como referência, a exemplo do que faz Saviani, o problema da marginalidade, a partir do qual o autor classifica as teorias educacionais em dois grupos.

O primeiro é o grupo das teorias não-críticas que vêem a educação como instrumento de equalização social e de superação da marginalidade. Assim, estas teorias analisam a educação a partir dela mesma, sem considerar seus condicionantes objetivos, ou seja, seus determinantes sociais, pois a vêem como autônoma em relação à sociedade.

O segundo grupo é o das teorias crítico-reprodutivas que são aquelas que, ao contrário das do primeiro, ao analisar a educação, consideram seus determinantes sociais e, portanto, a entendem como instrumento de discriminação social e fator de marginalização, conforme explica Saviani (1993, p.15).

Para estas teorias, a sociedade é, em sua essência, marcada pela divisão de classes, as quais se relacionam à base da força, de modo que a classe dominante explora, oprime e marginaliza a classe dominada.

Segundo este grupo, portanto, a marginalidade é um fenômeno inerente à estrutura da sociedade, e a educação, por ser, em grande parte, determinada por esta sociedade, reforça e legitima essa marginalidade, tendo como função básica reproduzir a sociedade. Daí serem denominadas “teorias crítico-reprodutivas”.

À luz da distinção estabelecida por Saviani, pode-se, de início, classificar a pedagogia de Dom Bosco como uma teoria não-crítica, pois entende a relação educação-sociedade como harmoniosa, tendendo à integração dos seus membros, e a marginalidade como um fenômeno acidental que não só pode como deve ser corrigido por meio da educação. Esta, portanto, “constitui, pois, uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social” (SAVIANI, 1993, p.16).

Segundo esta perspectiva, salienta Saviani (1993, p.16) enquanto existir a marginalidade, devem-se intensificar os esforços educativos a fim de que ela venha a ser superada; uma vez alcançado esse objetivo, devem-se manter os serviços educativos para impedir o reaparecimento deste problema.

Neste sentido, Dom Bosco se encaixa nesta teoria porque o objetivo de sua pedagogia estava justamente em recuperar os jovens marginalizados, dando a eles dignidade e oportunidades para serem cidadãos honestos, se integrarem à sociedade e, conseqüentemente, ao mercado de trabalho, à escola e à Igreja. E o instrumento que utilizava para este fim era, justamente, a educação.

Dentre as teorias pedagógicas não-críticas, Saviani destaca a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista.

Na pedagogia tradicional, a causa da marginalidade é a ignorância e a escola é tida como antídoto para ela. “Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizá-los logicamente” (SAVIANI, 1993 p.18). Quem transmite este conhecimento sistematizado é o professor, centro desta atividade educativa; aos alunos, porém, cabe apenas assimilar o que lhes é transmitido, de forma, muitas vezes, passiva.

Nesta teoria pedagógica,:

“... as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente” (SAVIANI, 1993, p. 18).

O que sustenta esta pedagogia, portanto, é a tese de que o marginal é o ignorante e que é a escola, na pessoa do professor, que deve resolver este problema, ou seja, libertando-os da ignorância.

Contudo, o entusiasmo inicial desta pedagogia foi sucedido por uma crescente decepção, pois nem todos os alunos conseguiam ingressar e ter sucesso neste tipo de escola e, além disso, os que conseguiam nem sempre eram bem sucedidos na sociedade. Enfim, o objetivo não estava sendo atingido e o resultado era um frequente fracasso escolar.

Como teoria não-crítica, a pedagogia de Dom Bosco parece não poder ser classificada como pedagogia tradicional, pois ele conseguia tirar o melhor dos jovens fazendo deles protagonistas da própria educação, demonstrando assim a importância e o valor que dava ao educando, não centralizando a atividade educativa no educador. Tanto é que Scaramussa (1984, p.89)

salienta que quando Dom Bosco escrevia aos educadores de sua obra, ele afirmava que o educador era consagrado ao bem de seus alunos e que tinha que estar disposto a enfrentar todo incômodo e toda fadiga para educar os seus.

Além disso, Dom Bosco:

“Antipatizava com um tipo de aula catedrática, predominantemente expositiva, que tornava os alunos passivos ou que se orientava apenas aos mais capacitados. Propunha formas de ‘individualização’, dando atenção especial aos mais necessitados, despertando-lhes a atenção com perguntas, explicações, provocando uma participação ativa. Sugeriu ainda atividades de ‘dramatização’, ‘sessões literárias’ e ‘representações teatrais’” (SCARAMUSSA, 1984, p.86).

Como resposta às críticas à pedagogia tradicional, levantou-se um movimento de reforma chamado “escolanovismo”. Primeiramente, mudou-se a forma de entender a marginalidade, à qual passa-se a atribuir uma outra causa: a rejeição, o desajustamento. O marginal, nesta escola, é aquele que é ou que se sente rejeitado ou que não se ajusta à sociedade em que vive.

O pensamento de que o marginal é o rejeitado nasceu da descoberta de que os homens são em sua essência diferentes, “não se repetem, cada indivíduo é único” (SAVIANI, 1993, p.20).

Assim, para a pedagogia nova, as pessoas diferem entre si não apenas física, psicológica, espiritual e socialmente, mas também cognitivamente, isto é, no que se refere ao “domínio do conhecimento, na participação do saber e no desempenho cognitivo”, conforme salienta Saviani (1993, p.20).

Dessa forma, abriu-se o leque de caracterização do marginal, o qual é colocado nessa condição devido a alguma diferença individual não aceita pela sociedade, que vê essa diferença como algo negativo e não simplesmente como uma diferença.

Contudo, seja qual for a diferença que faz um indivíduo ser marginalizado do meio em que vive, cabe à educação ser o instrumento que vai ajustar e adaptar esta pessoa à sociedade, evitando que ela perca sua individualidade. Cabe à escola, portanto, trabalhar e colaborar para a formação de uma sociedade que tenha como características a aceitação mútua e o respeito entre os seus membros.

Assim, compreende-se que este tipo de pedagogia deslocou:

“... o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade...” (SAVIANI, 1993, p.20)

Mas, para que esta pedagogia fosse colocada em prática, a organização escolar deveria passar por uma reestruturação, na qual os alunos deveriam ser agrupados segundo áreas de interesse e o professor seria um estimulador e/ou um orientador da aprendizagem iniciada pelo aluno; os grupos de alunos deveriam ser pequenos para favorecer a relação interpessoal entre eles e entre estes e o professor; o ambiente escolar deveria ser estimulante, alegre, colorido, movimentado, barulhento, além de ter uma grande quantidade e qualidade de materiais didáticos, biblioteca de classe etc.

Entretanto, devido ao alto custo que esta pedagogia exigia, entre outras razões, a escola nova não obteve o êxito que almejava. A exceção foram as escolas de elite, que dispunham de condições financeiras para desenvolver tal pedagogia, aprimorando o ensino por elas ministrado.

Cabe salientar aqui algumas das conseqüências negativas do "escolanovismo" no pensamento dos educadores, tais como: o afrouxamento da falta disciplina em sala de aula; um certo descomprometimento dos

educadores com a transmissão dos conhecimentos; a queda no nível de ensino das escolas públicas.

É interessante a afirmação de Saviani sobre os representantes da pedagogia nova, alguns dos quais, segundo o autor, “se converteram à pedagogia a partir da preocupação com os ‘anormais’ (ver, por exemplo, Decroly e Montessori)” (SAVIANI, 1993, p.19).

Sabe-se, portanto, que os alunos “anormais” de Decroly e Montessori eram o eram no sentido literal e psicológico da palavra. No caso de Dom Bosco, os “anormais” que condicionaram a sua decisão de ser sacerdote-educador foram aqueles assim considerados pela sociedade em sentido metafórico, pois sua preocupação estava voltada totalmente para a juventude marginalizada da sua época e para os problemas que a envolvia.

Dessa forma, é justamente ao escolanovismo que a pedagogia de Dom Bosco mais se assemelha, pois seus educandos eram marginalizados pela sociedade em que viviam por não terem família, moradia, oportunidades de emprego, nem acesso à educação e, em alguns casos, por serem ex-presidiários.

Para que seus alunos se sentissem verdadeiramente aceitos, Dom Bosco sempre dizia aos seus educadores que mais do que amar aqueles jovens, eles deveriam demonstrar este amor a ponto de os jovens se sentirem realmente amados.

Além disso, era importante que os alunos considerassem seus professores como amigos e familiares, devido à sua carência afetiva familiar, e percebessem que estavam ali não apenas porque aquele era o seu trabalho profissional, mas principalmente porque os amavam e queriam o seu bem.

Nota-se que o primeiro passo partia do educador, o qual dava o exemplo de como deveria ser o relacionamento entre eles, ou seja, de aceitação e respeito mútuos.

Isto porque tanto para Dom Bosco quanto para a pedagogia nova, o ser humano é um ser único e diferente um do outro, daí a necessidade de tratamentos e metodologias de ensino também diferenciados. Portanto, ter dificuldades escolares não é algo que deve ser encarado como uma característica negativa do aluno, mas como uma diferença que não deixa de ser um problema, mas que pode ser resolvido por meio da Educação, a qual, como já foi dito, para as teorias não-críticas, como é o caso da pedagogia de Dom Bosco, é um instrumento de correção da marginalidade.

Outro ponto de contato entre a pedagogia nova e a de Dom Bosco é a importância dada ao ambiente educativo, o qual, em ambos os casos, deve ser fortemente marcado pelo clima familiar e, principalmente, alegre. Dom Bosco propunha em seu sistema educativo que os colégios fossem como casas (lares), os educadores fossem parte da família dos educandos, as normas fossem reduzidas ao máximo possível e o pátio fosse marcado pelo clima alegre e por diversas atividades recreativas, jogos, gargalhadas e atividades culturais, não só entre os alunos, mas numa relação muito intensa professor-aluno e até mesmo de diretor-aluno.

Porém, Saviani (1993, p.23), porém, assinala que no fim da metade do século XIX, o escolanovismo já podia ver sinais de exaustão, frustração, desilusão nas escolas.

Houve algumas tentativas de se desenvolver uma "Escola Nova Popular", como foram os casos, segundo Saviani, de Freinet e Paulo Freire.

Por outro lado, a radicalização da preocupação com os métodos pedagógicos e com a eficiência instrumental, acabou gerando outro tipo de pedagogia, a qual denominou-se pedagogia tecnicista.

O propósito desta pedagogia era tornar o processo educativo objetivo e operacional. "Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência" (SAVIANI, 1993, p.24).

Foi desta pedagogia que surgiram o tele-ensino, a instrução programada, as máquinas e livros de ensinar etc. Também foi a partir daí que o sistema de ensino foi padronizado, afinal, o elemento principal desta pedagogia era a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno papel secundário e subordinado a esses meios.

A concepção desses meios, bem como seu planejamento, coordenação e controle ficavam sob a responsabilidade de "especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais", como diz Saviani (1993, p.24).

Assim, nesta perspectiva, marginal não era nem o ignorante, nem o rejeitado, mas aquele que não era competente, eficiente e produtivo. E a educação, especificamente através da pedagogia tecnicista, dava a sua contribuição à sociedade formando indivíduos capazes de contribuir para o aumento da produtividade da sociedade, a fim de equalizar as diferenças sociais, pois a marginalidade causada pela ineficiência ameaçava a estabilidade do sistema produtivo. Nas palavras de Saviani, "a educação será concebida, pois, como um subsistema, cujo funcionamento eficiente é essencial ao equilíbrio do sistema social de que se faz parte" (SAVIANI, 1993, p.25)

Com esta pedagogia, as conseqüências não foram diferentes, pois na tentativa de assemelhar o trabalho pedagógico com o processo fabril, a educação perdeu sua especificidade e a marginalidade aumentou. Além disso, havia interesses particulares de países desenvolvidos, que exportavam tecnologias de ensino, em vender produtos tecnológicos obsoletos aos países subdesenvolvidos.

Contudo, não se pode caracterizar a pedagogia de Dom Bosco como uma pedagogia tecnicista, uma vez que nela os meios não ocupam lugar principal, mas sim os alunos junto ao professor. Ao contrário, os meios são colocados à disposição da relação professor-aluno.

O objetivo era também outra diferença entre a pedagogia de Dom Bosco e a pedagogia tecnicista, pois enquanto esta buscava principalmente formar indivíduos eficientes para cooperar com o aumento da produtividade da sociedade, a primeira buscava formar bons cristãos e honestos cidadãos.

Inversamente a todas estas pedagogias que pertencem ao grupo das teorias não-críticas, estão as teorias crítico-reprodutivistas. Estas, como já foi mencionado, são críticas por captarem os determinantes sociais da educação, e reprodutivistas por a compreenderem como instrumento de reprodução da sociedade, especificamente da sociedade de classes e do modo de produção capitalista.

Alguns dos representantes desta teoria consideram que antigamente a educação até cumpria seu papel de equalizadora, mas atualmente ela se tornou repressiva e discriminadora, conforme diz Saviani (1993, p.27)

Saviani (1993, p.28-35) destaca três teorias crítico-reprodutivistas: a "teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica", de P. Bourdieu e J.

C. Passeron, a "teoria da escola enquanto aparelho ideológico do Estado (AIE)", de Althusser e a "teoria da escola dualista", de C. Baudelot e R. Establet.

A "teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica" entende que a sociedade se organiza na forma de um sistema de relações de força material (econômica) entre grupos ou classes. Essa violência material é reforçada, de forma dissimulada, por um sistema de forças simbólicas. Daí o nome desta teoria.

A idéia central desta teoria pode ser resumida pelas palavras de Bourdieu e Passeron, transcritas por Saviani:

"Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força" (Bourdieu & Passeron apud SAVIANI, 1993, p.29)

A violência simbólica é uma dominação cultural que acontece de várias formas, como por exemplo, através: dos meios de comunicação de massa, da pregação religiosa, das artes e da literatura, da propaganda e da moda, da educação familiar, do sistema escolar etc.

Sendo esta teoria uma "teoria do sistema de ensino", a análise estará voltada para esta forma de dominação cultural, ou seja, aquela que é manifestada através do sistema escolar.

No sistema de ensino, a ação pedagógica exercida através da autoridade pedagógica (autoridade legítima) e realizada pelo trabalho pedagógico é o meio pelo qual se impõe arbitrariamente uma cultura também arbitrária de um grupo ou classe dominante aos grupos ou classes dominados.

O produto desta ação pedagógica será uma formação durável, até mesmo um hábito, se o trabalho de inculcação durar um tempo razoável capaz de continuar mesmo após o término do período de escolaridade.

No entanto, há uma diferença entre o trabalho pedagógico primário (educação familiar) e o trabalho pedagógico secundário (trabalho escolar), pois numa formação social, este último, através do sistema de ensino, tem o monopólio da violência simbólica legítima, sem que os que o exercem e os que a ele são submetidos percebam ou conheçam a existência desta dominação cultural legítima. Este desconhecimento só se dá devido à aparência de neutralidade de que as instituições educacionais se revestem, aparentemente servir tanto à classe dominada quanto à classe dominante.

Dessa forma, os marginalizados são aqueles que fazem parte da classe dominada, seja porque não possuem força material (capital econômico), seja por não possuírem força simbólica (capital cultural); e a educação, ao invés de superar a marginalidade, acaba por reforçá-la, uma vez que reproduz as desigualdades sociais pela reprodução cultural. Toda tentativa de reverter este papel que a educação desempenha é, segundo esta teoria, ilusória.

De um ponto de vista crítico-reprodutivista, particularmente desta "teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica", uma pedagogia que realiza pregação religiosa, como no caso da pedagogia de Dom Bosco, está realizando uma violência simbólica (dominação cultural). Com efeito, ele com a sua religião representaria o grupo dominante, enquanto os seus jovens seriam o grupo dominado por serem marginalizados material e simbolicamente.

A segunda teoria crítico-reprodutivista a ser estudada é a “teoria da escola enquanto Aparelho Ideológico do Estado (AIE)”, elaborada por Althusser.

Porém, antes de tratar especificamente do AIE escolar, é necessário distinguir o Aparelho Repressivo de Estado (o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões etc.) dos Aparelhos Ideológicos de Estado (religioso, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, da informação e cultural). Enquanto o primeiro funciona predominantemente por meio da violência e secundariamente pela ideologia, com o segundo ocorre o inverso.

Assim, o conceito de AIE está baseado na tese de que a ideologia tem uma existência material, a qual tem suas raízes em práticas materiais que são reguladas por rituais materiais definidos por instituições materiais, ou seja, a ideologia se materializa em aparelhos, especificamente nos AIE, conforme afirma Althusser (apud SAVIANI, 1993, p.33).

Althusser acrescenta que o aparelho ideológico de Estado que ocupou posição dominante nas formações capitalistas, após uma violenta luta de classes política e ideológica contra o antigo Aparelho Ideológico de Estado dominante, que era a Igreja, foi justamente o Aparelho Ideológico Escolar (Saviani, 1993, p.33).

Assim, a escola, abrangendo todas as crianças de todas as classes sociais e durante muitos anos, reproduz nelas a ideologia dominante e as relações de exploração capitalistas, legitimando a divisão social do trabalho e o lugar a ser ocupado pelos indivíduos de cada classe social no mercado de trabalho e na sociedade.

Nesta teoria, portanto, marginalizada é a classe trabalhadora e o AIE escolar é um instrumento burguês que garante os interesses desta classe dominante, contribuindo para que uma pequena parte da população ocupe “postos próprios dos ‘agentes de exploração’ (no sistema produtivo), dos agentes da repressão (nos Aparelhos Repressivos de Estado) e dos ‘profissionais da Ideologia’ (nos Aparelhos Ideológicos de Estado)” (SAVIANI, 1993, p.34).

Althusser (apud SAVIANI, 1993, p.34) afirma que:

“... é através da aprendizagem de alguns saberes práticos (savoir-faire) envolvidos na inculcação massiva da ideologia da classe dominante, que são em grande parte reproduzidas as *relações de produção* de uma formação social capitalista, isto é, as relações de explorados com exploradores e de exploradores com explorados.”

Relacionando, portanto, esta teoria à pedagogia de Dom Bosco, pode-se dizer que sob essa perspectiva os alunos de Dom Bosco eram também marginalizados, uma vez que integravam a classe dominada. Ele, no entanto, pertencia ao clero, o qual, em boa parte, compartilhava dos interesses da classe dominante. Assim, na medida em que buscava educar os jovens marginalizados, inserindo-os na ordem social capitalista e ajustando-os a ela na condição classe trabalhadora, ao mesmo tempo em que visava evangelizá-los, inculcando-lhes a ideologia clerical, a pedagogia de Dom Bosco, por mais bem intencionada que fosse sua prática, pode ser interpretada, à luz da teoria althusseriana, como reprodutora da ideologia dominante e, conseqüentemente, da sociedade de classes.

Por fim, a terceira e última teoria, chamada de “teoria da escola dualista”, de C. Baudelot e R. Establet, é denominada desta forma pelo fato de que mesmo aparentando ser unitária e unificadora, a educação é dividida em

duas grandes redes: a "secundária-superior" e a "primária-profissional", a primeira destinada à classe dominante e a segunda à classe dominada. Essa dualidade corresponde à divisão da sociedade capitalista em duas classes fundamentais, a saber, a burguesia e o proletariado, e contribui para a formação da força de trabalho e para a inculcação da ideologia burguesa, enquanto recalca e disfarça a ideologia proletária. Entretanto, estas funções acontecem simultaneamente, pois não se podem separar as práticas que contêm o saber objetivo daquelas de inculcação ideológica.

Assim, nesta teoria, o papel da escola não é "simplesmente reforçar e legitimar a marginalidade produzida socialmente", mas "impedir o desenvolvimento da ideologia do proletariado e a luta revolucionária", qualificando o trabalho intelectual e desqualificando o trabalho manual, "convertendo os trabalhadores em marginais" (SAVIANI, 1993, p.38,39).

Cabe lembrar neste momento em que se fala sobre a desqualificação do trabalho manual e da ideologia proletária, que no Oratório, Dom Bosco valorizava muito o ensino profissionalizante, especificamente o trabalho manual e coletivo, por acreditar na eficácia educativa do trabalho, que era não somente um fim (emprego), mas um meio pelo qual o educando adquiria a responsabilidade e a experiência do trabalho em grupo.

Contudo, ao analisar a pedagogia de Dom Bosco através desta teoria, pode-se considerar que ele deu aos jovens uma educação primária-profissional, a qual, segundo C. Baudelot e R. Establet, é destinada apenas à classe dominada, o proletariado. Dessa forma, ele estava contribuindo para a formação da força de trabalho, para a inculcação da ideologia burguesa, e conseqüentemente para o recalque da ideologia proletária. Estava, ainda,

conscientemente ou não, contribuindo para a perpetuação da divisão de classes e da divisão do trabalho (intelectual e manual) entre essas classes.

Em suma, Saviani (1993, p.40) conclui sua reflexão sobre a relação das teorias educacionais com a questão da marginalidade afirmando que:

“enquanto as teorias não-críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade através da escola sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivistas explicam a razão do suposto fracasso. Segundo a concepção crítico-reprodutivista o aparente fracasso é, na verdade, o êxito da escola”.

Finalmente, a pedagogia de Dom Bosco revela ainda elementos de uma “educação compensatória”, a qual dá uma resposta não-crítica aos problemas educacionais colocados em evidência pelas teorias crítico-reprodutivistas.

Isto porque, em sua pedagogia, ele buscava compensar todas as carências que identificava em seus jovens, desde as afetivas, por meio do clima familiar dos colégios e pela *amorevolezza* dos educadores, até as necessidades mais básicas (materiais) que eles apresentassem:

“Dom Bosco pretendia realmente promover a juventude que tinha em suas mãos. Para alguns jovens, era necessário pensar até nas condições imediatas e elementares: prover o pão, a roupa, o alojamento, um trabalho rendoso que os defendesse da ociosidade, do vício e da insegurança social” (SCARAMUSSA, 1984, p.83).

Contudo, Saviani (1993, p.42) afirma que o que sustentava a pedagogia compensatória era a idéia de que o fracasso escolar das crianças desfavorecidas sócio-economicamente se devia a fatores externos à escola. Dessa forma, para que se obtivesse uma educação mais eficiente, estas carências deveriam ser sanadas.

Para ele (SAVIANI,1993, p. 43), este tipo de educação possui estreita ligação com à educação infantil, na qual há programas de compensação

alimentar, nutricional, sanitária, familiar, emotiva, cognitiva, motora e lingüística.

Portanto,:

“Caberia se falar não em educação compensatória (atribuindo-se a educação a responsabilidade de compensar todo tipo de deficiência), mas em compensação educacional” (SAVIANI, 1993, p. 44).

Dom Bosco, à sua maneira, com seu modo de pensar, em seu contexto histórico, na tentativa de fazer a diferença na sociedade da sua época e superar a marginalidade da juventude que tanto o preocupava, valeu-se da educação.

Conforme vimos na análise empreendida neste capítulo, como teoria não-crítica, a qual vê o problema da marginalidade como um fenômeno acidental, seu sistema preventivo parece apresentar traços característicos do escolanovismo.

Porém, quando seu sistema educativo é analisado pela ótica das teorias crítico-reprodutivistas, ele pode ser interpretado como uma pedagogia que está a serviço da reprodução da sociedade, seja na forma da violência simbólica (dominação cultural), realizada por meio da pregação religiosa, seja como AIE, reproduzindo a ideologia dominante, seja ainda, como um sistema dualista, ao dar aos jovens a educação primária-profissional, educação dada à classe dominada para formação da força de trabalho e inculcação da ideologia burguesa.

Por último, a análise detectou que sua pedagogia possui traços de educação compensatória por tentar reparar as carências que encontrava nos jovens, com a finalidade de dar a eles uma formação integral.

Contudo, esperar uma mudança estrutural da sociedade para que aqueles jovens saíssem da situação de marginalidade era para ele inaceitável. Colocando-se no lugar de cada um deles, sentia-se impelido a buscar soluções rápidas para que não morressem sem terem tido alguém que se preocupasse com eles, com sua a educação, com suas vidas e, no caso deste sacerdote-educador, com suas almas.

Dom Bosco tinha pressa na mudança e o que importava para ele era cuidar daquela juventude, com a qual ninguém mais se importava, mas, muito pelo contrário, da qual a maioria tinha medo e a qual era posta à margem da sociedade.

CONCLUSÃO

Após ter estudado a pedagogia de Dom Bosco, assim como o contexto histórico em que ele estava inserido, o qual o motivou a participar do processo de transformação daquela sociedade através da educação, enfocando aspectos como: seu método educativo, bem como a sua personalidade, sua consciência educativa, o perfil dos seus educandos, os componentes ético-religiosos e humanísticos de seu pensamento, os princípios básicos do método preventivo (*amorevolezza*, a razão e a religião) e o ambiente educativo fundamental em sua pedagogia, procurarei aqui traçar algumas considerações à guisa de conclusão.

Ao estudar a personalidade de Dom Bosco e sua consciência educativa, é nítido o amor, o cuidado especial e a preocupação verdadeira que ele tinha para com os jovens. Entretanto, através da classificação proposta por Dermeval Saviani das teorias pedagógicas, ao analisar o seu objetivo de recuperar a juventude marginalizada e integrá-la à sociedade, como um todo, por meio da educação, ele é interpretado pelas "teorias crítico-reprodutivistas" como fruto de uma pedagogia que explora, oprime e marginaliza a classe dominada, reproduzindo a sociedade capitalista, reforçando e legitimando a marginalidade, mesmo que isto não tenha sido realizado de maneira consciente ou proposital pelo educador.

Contudo, concordo quando sua pedagogia é classificada como "teoria não-crítica", pois realmente Dom Bosco identificava a educação como instrumento de equalização social e de superação da marginalidade e não como instrumento de transformação da estrutura social.

Sua pedagogia tem características muito semelhantes às das “teorias não críticas”, afinal, assim como estas, afirma que a relação educação-sociedade é harmoniosa e a marginalidade um fenômeno acidental que deve ser corrigido através da educação.

A pedagogia de Dom Bosco foi analisada e classificada ainda como teoria não-crítica, como possuidora de traços evidentes do escolanovismo, como foi explicitado no capítulo III, sem identificações maiores, portanto, com a pedagogia tradicional e, menos ainda, com a tecnicista.

No entanto, é importante frisar que a pedagogia salesiana possui apenas traços do escolanovismo, ou seja, não se identifica totalmente com este movimento, pois não fazia do aluno o centro da ação educativa, mas professor e aluno trabalhavam juntos. O professor esforçava-se para explorar o que o aluno tinha de melhor, suas qualidades, fazendo dele protagonista do seu desenvolvimento, dando especial atenção aos educandos que tinham mais dificuldades cognitivas.

Além disso, Dom Bosco também não abandonava as regras de convívio, ou seja, a disciplina, que era dever não só dos educandos como também dos educadores; e em seu método, por mais que os educando tivessem grande participação no processo educativo e liberdade de expressão, era o educador quem preparava as aulas e as conduzia.

Considero, portanto, a referida pedagogia como relevante não só para o século de Dom Bosco, mas também de grande contribuição para o nosso, sabendo que para praticar a pedagogia de Dom Bosco não significa fazer exatamente o que ele fez, mas compreendendo sua consciência educativa, fazer o que ele faria hoje. Padre Braido (apud SCARAMUSSA, 1984, p. 105),

um dos estudiosos de Dom Bosco, afirma que “para permanecer fiel a Dom Bosco e ao seu espírito, dever-se-á, necessariamente, ir além de Dom Bosco”. Assim, “a mensagem educativa de Dom Bosco deve ser reinterpretada e atualizada continuamente de modo a responder mais adequadamente às novas exigências da juventude” (SCARAMUSSA, 1984, p.136).

Primeiramente, é importante lembrar que toda ação educativa é condicionada por uma visão de homem e de mundo e, no caso de Dom Bosco, sua pedagogia era baseada numa antropologia teológica, marcada por uma mentalidade religiosa católica e por sua espiritualidade. Seu *sistema preventivo* era baseado em três elementos fundamentais: religião, razão e *amorevolezza*.

No entanto, era o elemento religioso que conduzia todo o sistema, constituía a justificativa, a finalidade e o modelo da ação educativa. E na base de tudo isso estava a *amorevolezza*.

Contudo, hoje, não se quer mais fazer da pedagogia uma ciência teológica, mas autônoma, que dialogue com outras ciências, entre elas, a Teologia, conforme ressalta Scaramussa (1984, p.107)

Psicologicamente, Scaramussa (1984, p.109) analisa a *amorevolezza* de Dom Bosco através das teorias de Malow, C. Rogers, C. G. Jung e Freud. E a fim de compreender e avaliar este princípio, são analisados quatro aspectos relevantes do afeto.

O primeiro aspecto é o do *amor desinteressado*. Aquele que ama quer demonstrar este amor, o qual é decisivo para o crescimento e desenvolvimento da pessoa, que na idade educativa reflete mais o conceito que os outros expressam dela do que o conceito que ela mesma tem de si. Assim, este amor contribui para sua auto-aceitação, para sua auto-realização, criatividade,

dignidade pessoal, confiança em si e, por fim, aquele que é amado se torna capaz também de amar desinteressadamente.

O segundo aspecto se refere à *compreensão e à aceitação incondicional*, como facilitadoras do desenvolvimento de pessoas criativas e felizes. Para haver aceitação incondicional não deve haver negação do afeto, mas sim compreensão para com o educando, principalmente quando ele comete faltas, buscando, no diálogo, sem imposições externas, ajudá-lo a encontrar caminhos para o seu crescimento a partir de si mesmo, do seu interior. Isto porque esta forma de educar, isto é, o estilo educativo democrático, conduz o educador a respeitar a individualidade do educando, opondo-se, assim, ao estilo autoritário, no qual normas e valores são impostas ao educando, causando nele constrições interiores, inibição e infelicidade psíquica, já que aquilo lhe é imposto e, portanto, provém de fora, é considerado um corpo estranho para ele.

O terceiro aspecto diz respeito ao processo psíquico da *identificação* do educando com o adulto significativo para ele e aos problemas e conseqüências educativas disso. Esta identificação, por parte do educando, é um processo inconsciente e conseqüência natural da *amorevolezza* exercida pelo educador, por meio de palavras, idéias expressas e atitudes tomadas a cada dia. Contudo, esta identificação com educador é fruto de um sentimento de insuficiência do educando, que tende a diminuir, na medida em que este amadurece. Caso contrário, o educando pode estar apresentando sinais de imaturidade, de plágio e de dependência.

O quarto aspecto analisa os *processos inconscientes* que podem intervir no encontro afetivo entre educador e educando, no qual podem haver

sentimentos e intenções conscientes e inconscientes. Com base nas teorias de Jung e Freud:

O educador deve estar atento e preparado para reagir positivamente às necessidades sadias ou doentias de afeto projetadas sobre ele pelo educando. [...] Porque ele mesmo pode ter problemas ou necessidades excessivas de afeto ou de êxito, de afirmação ou de domínio. [...] E se é verdade o que diz Jung, que “todo método é bom desde que haja contato pessoal”, é verdade também que o educador deverá colocar, em tal contato, toda a sua capacidade de doação íntegra e generosa ao educando (SCARAMUSSA, 1984, p.110).

Já a razão como dimensão da *amorevolezza*, tradicionalmente, significa bom senso, simplicidade, praticidade e maturidade ao usar a racionalidade, para que haja clareza nas idéias e domínio dos sentimentos. Além disso, pode-se dizer que razão é utilizar-se muito da persuasão como forma de prevenção e motivação na educação.

No entanto, a sociedade exige que os jovens sejam autônomos e autênticos, mas esta exigência é feita sem o uso da razão, sufocando o desenvolvimento destes. Eles sentem esta cobrança, muitas vezes, inconscientemente, e acabam respondendo a ela através da revolta, do silêncio, da falta de confiança em si mesmos, da alienação, da fuga ou da acomodação, conforme afirma Scaramussa (1984, p.112).

Talvez esta exigência sufocante, que sofre o jovem atual, seja o motivo da crescente aspiração deste por uma liberdade que se encontra indefinida e desnorteada devido à “exploração propagandística que a sociedade capitalista faz dessa aspiração”, conforme expressa Scaramussa (1984, p.112).

Daí a necessidade de uma educação que use verdadeiramente a razão, que conduza o jovem atual a ter, em meio a tudo isto, uma atitude crítica, para que, mais do que se ajustar e se acomodar, ele possa integrar-se à sociedade,

sem imposições externas, mas por um desenvolvimento autêntico, fruto de sua experiência pessoal.

Neste sentido, Scaramussa (1984, p.113) cita alguns pontos que devem ser seguidos pela educação que tomar como base a razão segundo o método preventivo de Dom Bosco, tais como:

Auxiliar o educando a formar sua própria cultura, a “criar cultura”, por reflexão, convicções, consciência [...]; autenticidade no relacionamento educador-educando, na autonomia, na liberdade e na responsabilidade pessoal de cada um, na espontaneidade, simplicidade e no sentido democrático da vida em grupo. Em síntese, no respeito pelas pessoas e por seus direitos fundamentais.

É importante lembrar que onde se preza a mentalidade democrática deve-se banir a massificação e estreitar as relações dos pequenos grupos, os quais são justamente o que os jovens buscam para saírem do isolamento tão presente na situação de massa.

Nestes grupos, porém, sob a ótica de Dom Bosco, o educador precisa ter cautela quanto ao seu papel, que não deve ser o daquele que se coloca fora do grupo ou numa posição superior à dos seus membros, mas a de um autêntico membro deste grupo, junto aos educandos, sem negar sua identidade e os valores que porta. Ele é aquele que anima o grupo, sem fazer uso de manipulação de idéias, de comunicação autoritária e de imposição de valores. Ele questiona o grupo ao mesmo tempo em que permite ser questionado também, estimulando assim uma discussão frutuosa, na qual todos podem se expressar, avaliar e avaliar-se simultaneamente, enriquecendo-se de novos conteúdos.

Quanto aos valores que o educador porta, devem ser bem conhecidos pelos educandos, os quais devem ter a "liberdade de escolha", conforme explica Scaramussa (1984, p.116).

No entanto, os atos educativos por si só já são comunitários por exigirem o encontro de pelo menos duas pessoas num mesmo ambiente. Mas na pedagogia de Dom Bosco, este contato é ainda mais aproximado, no estilo de uma família mesmo, conforme explica Scaramussa (1984, p.128). Todavia, este encontro não é um fim em si mesmo, mas um meio de responder à situação de abandono e carência da juventude.

Contudo, não é demais o cuidado que deve ser tomado para que não se tome como modelo aquela família tipo patriarcal, na qual a atenção é voltada totalmente ao pai e, no caso da escola, ao educador.

Para que os educadores obtivessem êxito nesta forma de educar, Scaramussa (1984, p. 119) diz que:

“Dom Bosco recomendava o estudo e análise do tempo atual, para colher as suas exigências. E indicava como critério de ação o respeito aos homens: são os homens que exigem a adaptação, que determinam as mudanças, que fazem a história”.

Portanto, um educador que deseje seguir este estilo educativo, terá que estudar a situação atual dos seus educandos, sejam eles jovens, crianças ou adultos. Por isso, seu planejamento deverá ser organizado em diagnóstico, objetivos, atividades e avaliação, e os encontros serão periódicos e divididos em: encontros de estudo, de recreação, de celebração religiosa (em escolas em que isto é possível) e de confraternização, conforme assinala Scaramussa (1984, p.133).

Como este trabalho analisa a pedagogia de Dom Bosco e este educou jovens, será abordada brevemente a situação atual da juventude da América Latina. Mas, especificamente neste continente, este é um trabalho difícil devido à carência de pesquisas a respeito, mas de uma maneira geral, a juventude é a maioria em relação às outras faixas etárias e se encontra em meio a diversos problemas, tais como: a escolarização em massa e precária, a falta de qualificação profissional, o desemprego, o subemprego, a desestruturação familiar e a falta de participação política. Todos estes problemas “geram condições de vida inadequadas ao desenvolvimento juvenil”, afirma Scaramussa (1984, p.120).

Em relação à marginalidade, esta se difere da zona rural para a zona urbana. Na zona rural, ela “se manifesta através do analfabetismo, do desemprego, dos salários baixos, com complexo de inferioridade diante do ‘mito da cidade’”. Já na zona urbana, ela se dá através “da desintegração da família, da precariedade das condições de vida, de habitação, de saúde, do desemprego, da exploração através do trabalho, da falta de qualificação [profissional], do analfabetismo, da falta de condições para estudar, da criminalidade...” (Scaramussa, 1984, p.121)

Se, por um lado, a juventude é marginalizada onde quer que se encontre, por outro lado, ela também é massificada, pois ela é o alvo predileto da indústria do consumo.

Esta [indústria do consumo], através dos meios de comunicação de massa, cria estereótipos e condiciona as reações e condutas dos indivíduos para a direção que lhe convém. A massificação constitui um massacre à cultura dos jovens latino-americanos, porque lhes impõe padrões de vida e costumes [...] e porque, fundamentalmente, sufoca as autênticas manifestações da sua cultura (SCARAMUSSA, 1984, p.121)

Conseqüentemente encontra-se uma juventude que é tida como revoltada, passiva, depressiva, mergulhada nas drogas, na prostituição, na criminalidade, etc.

Assim nota-se que mesmo que Dom Bosco tenha vivido num país e numa época diferente de nossa (norte da Itália, século XIX,), nossos problemas são bem semelhantes, afinal em sua época encontravam-se também jovens abandonados por diversas instituições sociais (inclusive pelas famílias), jovens que saíam das prisões com nenhuma perspectiva de vida ou inclusão social, jovens explorados em seus trabalhos, jovens alienados pela mídia ou pelas drogas, etc.

Na realidade, o jovem, independente de sua época ou país, necessita de uma educação fundamentada numa pedagogia que o acolha e compreenda. E isto faz da educação não apenas uma arte, mas um desafio. Scaramussa (1984, p.125) ressalta que:

Educar no estilo de Dom Bosco, na situação atual da América Latina, significa amar profundamente os jovens, optar decididamente pelos mais marginalizados, e trabalhar para a sua libertação. [...] Para realizar isto o educador precisa ser sensível à realidade dos jovens, acreditar neles, aprender também com eles, colocar-se em atitude de procura, de compreensão, de diálogo, de presença. Precisa aliar continuamente a reflexão à sua ação educativa. Munir-se de uma sólida cultura, para compreender os mecanismos que regem a sociedade de hoje, e posicionar criticamente frente a eles.

Entretanto, seguir uma pedagogia tal como Dom Bosco propõe exigirá do educador muitas mudanças de hábitos e até mesmo do seu papel de educador, pois, no dia-a-dia, na sala de aula, é mais fácil encolerizar-se do que ter paciência, ameaçar um jovem do que persuadi-lo. É mais cômodo, para

nossa impaciência e nossa soberba, castigar os que resistem do que corrigi-los, suportando-os com firmeza e suavidade.

Realmente, quando se castiga, não se conserva a calma tão necessária para afastar qualquer dúvida de que se age para demonstrar a autoridade ou descarregar o próprio mal humor. Sabe-se, portanto, que uma tempestade de palavras além de fazer mal a quem as ouve, não tem proveito algum para quem as profere.

Dessa forma, é fundamental que o educador abandone atitudes que possam lhe dar aparência de dominador; tais como agitação de ânimo, desprezo no olhar e injúrias nos lábios.

Se o educador estiver disposto a realizar seu trabalho através desta pedagogia, contribuirá para que os jovens se tornem agentes e sujeitos de sua própria história e do seu desenvolvimento, e para que sejam transformadas as estruturas que marginalizam e degradam o jovem.

Adotar este tipo de pedagogia não deixa de ser uma maneira de ir contra o sistema capitalista, no qual as divisões de classes se tornam cada vez maiores e aumentam-se cada vez mais as relações de exploração e de dominação. Pois, além da injusta desigualdade social, há uma injusta participação: na tomada de decisões, no poder político, no poder econômico e no acesso à cultura.

Conscientes deste contexto global e de que ao mesmo tempo em que a escola é a primeira a ser pressionada a reproduzir esta estrutura, é preciso reconhecer, por outro lado, que é nela também onde pode se dar o início do processo de libertação do jovem, que vai além da relação pessoal dentro da

comunidade educativa, se posiciona na sociedade para transformar a realidade. Mas, para isto:

É preciso eliminar todo tipo de relação dominadora, todo tipo de manipulação, de paternalismo, todo tipo de privilégio, todo individualismo, toda divisão, todo formalismo, e assim por diante. [...] Os educadores devem estar conscientes de que a libertação tem, portanto, um prolongamento em nível de ação política. Ela nunca é neutra. Como extensão da ação educativa que quer atingir o homem todo e todos os homens, é necessário estar sempre aberto às massas, porque serão elas que provocarão as mudanças, intervindo no centro das decisões, no poder (SCARAMUSSA, 1984, p.131).

Neste sentido, o educador deve se preocupar em estimular a participação e a responsabilidade de todos, distribuindo tarefas e evitando trabalhos individualistas. Além disso, “a autoridade é compartilhada e as decisões são tomadas pelo conjunto dos membros do grupo” (Scaramussa, 1984, p.133).

Assim, concluo que a pedagogia de Dom Bosco, reinterpretada e atualizada, junto a um profundo estudo da realidade do educando e das suas necessidades, responde adequadamente às novas exigências da juventude da América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIANCO, Enzo. *Educar hoje como Dom Bosco educava?* Coleção Mundo Novo. Editora Salesiana Dom Bosco. SP, 1987
- BRAIDO, Pietro. *Dom Bosco – Padre dos jovens no século da liberdade.* Vol.1. Editora Salesiana. Roma, 2002.
- BRAIDO, Pietro. *Prevenir, não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco.* São Paulo: Editora Salesiana, 2004. 375p.
- BROCARD, Pietro. *Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo.* São Paulo: Editora Salesiana, 2005. 310p.
- BOSCO, João. *A Pedagogia de Dom Bosco em seus escritos.* Editora Salesiana. SP. 2004. 32p.
- BOSCO, João. IN: BOSCO, Terésio. *João Bosco: uma nova biografia.* 6.ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2002. p. 299-301.
- BOSCO, João. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales.* 3. ed. rev.amp. São Paulo: Editora Salesiana, 2005. 250p.
- BOSCO, Terésio. *Dom Bosco.* 15. ed. 2. reimp. São Paulo: Editora Salesiana, 2005. 40p.
- BOSCO, Terésio. *Dom Bosco: uma nova biografia.* 6. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2002. 564p.
- CAMPELO, Cristiano R. LAGES, António. *Dom Bosco: traços biográficos.* 5. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2003. 77p.
- CASTRO, Afonso de. *Carisma para educar e conquistar: espiritualidade, alegria e prazer na educação salesiana.* São Paulo: Editora Salesiana, 2002. 191p.

- CÉSAR, João. (2006) Dom Bosco educador. <http://professorjoacesar.sites.uol.com.br/dombosco/index.htm>
Acesso em: 10 Ago 2009.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da; SILVA, Genésio Zeferino. *A educação salesiana em tempos de travessias*. Editora Cesap. Belo Horizonte, 2002.
- DOM BOSCO - *Uma vida para os jovens*. Direção de Ludovico Gasparini. Belo Horizonte: SSV – Inspetoria São João Bosco, 2007.
- FARIA, Hélio. *Você e seu filho: como conquistar seu filho, segundo Dom Bosco*. 4. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2005.
- FERRERO, Bruno. *Uma pedagogia para os pais: inspirada no Sistema de Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2001. 168p.
- GLAUCO. Blog do Glauco. "Dom Bosco". Disponível em: <http://glaucosdb.blogspot.com/search/label/dom%20bosco>.
Acesso em: 22 jun. 2010
- GRUPO Escolar. *Revoluções de 1848*. Disponível em: http://www.grupoescolar.com/materia/revolucoes_de_1848.html. Acesso em: 22 jun 2010.
- HISTÓRIA do mundo. "Congresso de Viena". Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/congresso-de-viena.htm>. Acesso em: 22 jun 2010,
- PAULO II, João. *Dom Bosco: Um mestre para a Educação*. Cadernos Salesianos, n.47. Editora Salesiana Dom Bosco. SP. 1988
- RODRIGUES, Jaime. *Sabedoria do coração - A assistência salesiana*. Coleção Salesianidade e Educação. 2ª edição. Editora Salesiana, SP, 2003.
- MICHAELIS dicionário on-line – UOL. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 22 jun 2010.

- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 27.ed. Campinas : Editora Autores Associados, 1993.
- SAVIANI, Dermeval. *História das idéias pedagógicas no Brasil*. 2.ed. rev. ampl. Campinas, SP : Autores Associados, 2008
- SAVIANI, Dermeval. *Tendências e correntes da Educação Brasileira*. Filosofia da Educação brasileira. Coord. de Durmeval Trigueiro Mendes. 4. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1991.
- SCARAMUSSA, Tarcísio. *O sistema preventivo de Dom Bosco: Roteiros de Iniciação*. CESAP – Centro Salesiano de Apoio Pastoral – Inspeção São João Bosco – BH, MG, 1984.
- SCHIÉLÉ, Robert. *Dom Bosco: fundador da família salesiana*. São Paulo: Editora Paulinas, 2001. 141p.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. rev. ampl. São Paulo : Cortez, 2002.
- Tozzo, Eliane Cristina Gozzi. *A arte de educar: sistema educativo elaborado por Dom Bosco*. Campinas: UNICAMP, 1999. TCC, Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- WIKIPÉDIA - A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 22 jun 2010.

ANEXOS

ANEXO 1 – Atualidade do educador Dom Bosco

ATUALIDADE DO EDUCADOR DOM BOSCO

Muitos dos leitores deste web site podem questionar o porquê de tanto insistir em Dom Bosco enquanto educador, se ele viveu e atuou em uma época diferente da nossa (século XIX) e em um país diferente do nosso (norte da atual Itália). Também podem questionar o fator dele ser padre e, hoje, o ensino ser laico.

Pois bem. Começando pelo último questionamento, o ser ou não padre (ou religioso de qualquer instituição) não melhora ou piora a qualidade de ninguém. Prefiro referir-me a ótimos e péssimos praticantes de alguma religião. E isso independe de credo religioso ou descrença religiosa; o que faz alguém ser melhor ou pior não é o rótulo, mas a coerência com uma escala de valores que carrega consigo (ou deveria carregar). E isto vale para todos os tempos, inclusive o de Dom Bosco e o nosso. Se no tempo dele a educação estava atrelada a uma religião (Católica) e se isto tinha convenientes e inconvenientes, a educação laica também o tem, uma vez que ela está atrelada a alguma instituição ou segmento social (só que não quer assumir ou dizer sobre esse ou esses segmentos).

Quanto aos argumentos de tempo e espaço: tanto no século XIX como em pleno séc. XXI, bem como no norte da atual Itália daquele tempo e no Brasil de hoje, há:

- Jovens abandonados pelas diversas instituições sociais (e também pelas famílias);
- Jovens saídos de prisões, sem nenhuma perspectiva de inclusão social;
- Jovens que são explorados em seu trabalho (quando tem) ou explorados por terceiros nos semáforos ou mesmo precisando "vender o seu corpo" para sobreviver (prostituição);
- Jovens mergulhados na alienação, quer por meio de drogas (lícitas ou ilícitas), por meio de uma imprensa que desinforma e semeia a "cultura da morte", ou mesmo por uma instituição escolar que, apesar dos esforços dos educadores, presta-se apenas para dar alguns rudimentos de leitura para deixar o jovem sempre dependente de algum político assistencialista que, assim, se perpetua no poder.

Isto existia na Europa do sec. XIX e existe no Brasil do séc. XXI. Não podemos esquecer que Dom Bosco atraía para si os jovens desempregados ou empregados, que vinham da zona rural em busca de oportunidade em Turim; visitava-os em seus empregos; visitava-os nas prisões e os acolhia quando de lá saíam; atraía os jovens ao Oratório Festivo que funcionava integralmente (ao contrário dos outros Oratórios da época, que funcionavam somente por algumas horas) e os jovens "sem paróquia" (enquanto os outros Oratórios permitiam a permanência somente de jovens de sua paróquia). Não só isso, Dom Bosco usava uma linguagem que eles compreendiam (usava, inclusive, o dialeto das vilas de onde os jovens vinham), brincava com eles e nunca dava castigos (tão comuns na educação e mentalidade da época).

E os nossos jovens hoje: não precisam sentir-se acolhidos e compreendidos, como os daquele tempo? Precisamos, mais do que nunca, conhecer o pensamento e a prática desse grande Educador, o Padre João Bosco. Ele não ficou trancado em seu gabinete, sonhando e escrevendo bonito como muitos teóricos que conhecemos. Ele saiu em campo, "arregaçou as mangas" e trabalhou. Dom Bosco não esperava as coisas acontecerem, para depois "correr atrás do prejuízo"; prevenia situações complicadas trabalhando pelos jovens (veja o Sistema Preventivo de Educação: fê-razão-amor). "Se existem jovens maus, é que ninguém cuida deles", falava. E nós, o que fazemos? E nossa sociedade? E nossos governantes? O que Dom Bosco diria, hoje, de nós, de nossa sociedade e de nossos governantes? Por isso e tudo o mais Dom Bosco está atualíssimo em pleno século XXI.

Fonte: <http://professorjoaoacesar.sites.uol.com.br/dombosco/atualidade.htm>

Espiritualidade

O método preventivo de Dom Bosco

Educar não é só uma arte. Passou a ser um desafio, pois é cada vez mais difícil orientar a juventude num sentido contrário à mentalidade dominante. São João Bosco encontrou a chave que abre a alma do jovem à influência do bem.

Thiago de Oliveira Geraldo



Manter a disciplina numa sala de aulas constituída de adolescentes é uma dificuldade que, com algumas variantes, mostra-se quase tão antiga como a civilização. Os mestres de Santo Agostinho poderiam dar um testemunho valioso a esse respeito. Em outros tempos, os métodos usados eram muito mais diretos que os atuais e davam resultados imediatos, proporcionais à energia e à força de personalidade do professor. Mas o problema de fundo não deixa de ser o mesmo, hoje como ontem.

A educação não se restringe a conseguir manter, dentro do recinto de uma sala de aula, todos os alunos em ordem e silêncio, para que o professor possa transmitir com eficácia seus ensinamentos. O bom educador deve saber moldar a personalidade de seus discípulos, corrigindo os defeitos, estimulando as qualidades, fazendo-os amar os princípios que orientarão a vida. Numa boa educação, a formação religiosa ocupa lugar principal, pois sem amor de Deus e

auxílio da graça ninguém consegue vencer as más inclinações e praticar estavelmente a virtude.



Música , catecismo, sadio entretenimento e intensa oração formam um conjunto harmônico que atrai os jovens para Nosso Senhor Jesus Cristo (nas fotos aspectos do programa Futuro e Vida, dos Arautos do Evangelho)

mentalidade. E a juventude, sempre ávida de novidades, afastava-se da religião e perdia o rumo.

Dom Bosco fazia o "milagre" - muito maior do que todos os outros por ele realizados - de atrair e formar jovens que já não se deixavam moldar pelos antigos métodos educacionais e se subtraíam à ação da Igreja.

Tentativas de penetrar o segredo do método preventivo

Eram tão surpreendentes os resultados obtidos pelo fundador dos salesianos que muitos de seus coetâneos procuravam insistentemente arrancar dele o "segredo" de seu êxito.

Essa mesma intenção teve o reitor do seminário maior de Montpellier, quando enviou uma carta a Dom Bosco, perguntando qual o segredo da pedagogia utilizada por ele. Imagine-se sua surpresa ao receber a seguinte resposta: "Consigo de meus meninos tudo o que desejo, graças ao temor de Deus infundido em seus corações".

Não satisfeito, o reitor enviou uma segunda carta, mas a esta o Santo não soube responder, pois nunca havia feito um estudo sobre a matéria. O livro do qual ele tirava seus ensinamentos era sua própria vida.

Da teoria à prática...

Na teoria, tudo isso é muito fácil...

Mas, como pô-la em prática no mundo de hoje, no qual são tão numerosas e atraentes as solicitações para o mal e os educadores sentem crescente dificuldade de exercer influência sobre os jovens? O problema já era candente na época de São João Bosco. A sociedade de então passava por grandes transformações, sobretudo de

então passava por grandes transformações, sobretudo de



Uma ardente devoção a Maria Auxiliadora é um dos pontos essenciais do método preventivo de São João Bosco

ou repreendê-los por alguma falta. O cardeal ficara dentro do veículo, assistindo à cena, e se divertia, julgando que aquele primeiro fracasso levaria Dom Bosco a desistir da experiência.

Mas este não se deixou abater e, em poucos minutos, com sua vivacidade e irresistível bondade, tinha uma pequena multidão de jovencinhos à sua volta se divertindo com seus jogos e entusiasmados com sua bondade.

Chegado o momento de se retirar, eles formaram duas fileiras diante do coche, para aclamar o sorridente sacerdote enquanto este passava. O cardeal tinha dificuldade em acreditar no que estava vendo...

Evitar o pecado: a essência do método preventivo

Afinal, como fazia São João Bosco para cativar a juventude? Como primeiro objetivo, pretendia ele evitar todo e qualquer tipo de pecado, usando de grande vigilância, acompanhada de amorosa solícitude.

Não de um modo esmagador e glacial, mas paternal e afetuoso. A essa tática de conduzir os jovens o santo educador deu o nome de "método preventivo", em confronto com o outro então em voga, denominado "repressivo", o qual tinha por base os castigos.

Esse modelar formador da juventude não perdia ocasião de coarctar o avanço do mal. Mesmo nos recreios, seu olhar atento logo conseguia descobrir onde estava a rixa ou de onde provinham palavras reprováveis e, sem demora,

Confiança: o instrumento do bom educador

Discorrendo sobre o mesmo assunto com o cardeal Tosti, em Roma, numa manhã de 1858, disse-lhe São João Bosco: "Veja, Eminência, é impossível educar bem a juventude se não se lhe conquista a confiança". Em seguida, para dar-lhe um exemplo concreto, ele o convidou a acompanhá-lo à Praça del Popolo, onde facilmente encontrariam grupos de jovens brincando, e poderia demonstrar a eficácia de seu método. Mas quando desceu da carruagem, a turma de meninos que brincava na praça fugiu correndo. Certamente julgaram que esse padre lhes ia fazer um pequeno sermão

desfazia a confusão com hábil jovialidade, pois ele era a alma dos divertimentos, como seus alunos testemunhavam. Não raras vezes, ele desafiava todos os meninos, de uma só vez, para uma corrida.

Então erguia a batina, contava até três e deixava aquela turba de jovens para trás: Dom Bosco sempre chegava em primeiro lugar. Quando já tinha 53 anos, ele ainda deixava os espectadores estupefatos com sua agilidade, pois nunca perdia uma corrida com os alunos do Oratório.



Suavidade na repreensão

São João Bosco jamais dava castigos corporais, na convicção de que isso só incitaria os corações à revolta e fecharia a alma do jovem para os conselhos salutares. A maneira pela qual ele repreendia era através de uma palavra fria, um olhar triste, uma mão retraída, ou qualquer outro sinal discreto de desagrado com alguma falta. Mas os resultados demonstravam ser extremamente eficaz essa forma de correção.

Certa noite, logo após as orações, Dom Bosco queria dirigir aos meninos algumas palavras benfazejas, antes de irem dormir, mas tal era a algazarra que ele não conseguiu obter silêncio. Após alguns minutos de espera, comunicou-lhes: "Não estou contente com vocês! Vão dormir. Esta noite não lhes digo nada".

A partir desse dia nunca mais foi necessário usar uma sineta para que os rapazes fizessem silêncio. Poderia, porém, surgir uma dúvida a respeito de tal método. Essa vigilância para evitar o pecado não acabaria por tirar a liberdade ao jovem? A natureza humana é feita para o equilíbrio: não sufocar a liberdade nem, muito menos, permitir uma indisciplina desenfreada. Essa conjunção, São João Bosco soube fazê-la admiravelmente.

Apesar de toda a vivacidade e afeto no trato com os jovens, estes sempre mantinham uma atitude de respeito e admiração para com seu mestre.



Alegria, tempero indispensável

O ambiente no refeitório do Oratório era uma comprovação desse relacionamento harmonioso, quando Dom Bosco demorava algum tempo mais para terminar sua refeição, à qual tinha chegado atrasado. Assim que os outros superiores saíam, uma multidão de jovens entrava correndo e ocupava todo o recinto, não deixando espaço vazio. Alguns se aproximavam tanto que quase encostavam suas cabeças nos ombros dele, outros se apoiavam no espaldar de sua cadeira e os mais pequeninos se enfiavam debaixo da mesa. Qual não era a surpresa comovida do santo ao ver aquelas pequenas cabecinhas dali saírem, com o único fim de estarem mais perto de seu pai. A liberdade com que aqueles juvenzinhos dele se aproximavam e a veneração que lhe devotavam constituíam realmente um quadro comovedor.

Uma ocasião como essa era uma excelente oportunidade de fazer o bem. O zeloso sacerdote aproveitava então para contar uma história, dar um bom conselho, fazer perguntas, até que o sino indicasse a hora da oração da noite, ou seja, o fim desse convívio enternecido.

Como se vê, a alegria ocupava um grande papel no método educativo de Dom Bosco. Com ela, pretendia o Santo tornar a vida leve e criar disposições para os meninos abrirem a alma à influência dele e ao sobrenatural.

Um dos meios que utilizava eram os jogos e diversões, dos quais o próprio educador participava. Num desses divertimentos, ele alinhava todos os meninos em uma única fila e lhes recomendava: "Atenção! Façam tudo como eu fizer. Quem não fizer como eu faço, sai da brincadeira".

Isso dito, começava seu percurso, ora correndo com os braços para o ar, ora fazendo gestos espetaculares, batia palmas, pulava com uma só perna, ameaçava parar numa árvore, mas logo depois saía correndo de novo. Desse modo, entretinha e criava um ambiente de alegria para aqueles jovens.

Com tais recursos e, sobretudo, com a graça divina, São João Bosco conseguia levá-los a amar a Deus com alegria. Para esse efeito, a música era um instrumento valioso, a ponto de ele dizer que uma casa sem música é como um corpo sem alma.

Freqüência aos sacramentos e devoção a Nossa Senhora

A perseverança só é possível pela freqüência aos sacramentos e uma ardente devoção a Nossa Senhora. Na confissão, Dom Bosco pacificava as consciências, infundia confiança nas almas, conduzia seus juvenis penitentes a Deus. Bela descrição dessas confissões nos faz Huysmans, escritor católico do séc. XIX: "Nosso Santo, trazendo no semblante a bonomia de um velho vigário do interior, puxava para perto de si o menino que tinha terminado o exame de consciência e, tomando-o pelo pescoço, envolvia-o com o braço esquerdo e fazia o pequeno penitente apoiar a cabeça no seu coração. Não era mais o juiz. Era o pai que ajudava os filhos, na confissão tantas vezes penosa das faltas

mais pequeninas." Por meio da comunhão freqüente queria São João Bosco fortificar a alma dos jovens contra as investidas infernais.



Para ele, a Primeira Comunhão deveria ser feita o mais cedo possível: "Quando um menino sabe distinguir entre o pão comum e o Pão Eucarístico, quando se acha suficientemente instruído, não é preciso olhar para a idade. Venha logo o Rei do Céu reinar nessa alma".

Seguindo os sábios conselhos maternos, Dom Bosco fez da devoção a Maria Santíssima, sob a bela invocação de Maria Auxiliadora, uma coluna da espiritualidade dos salesianos. "Se chegares a ser padre - repetia-lhe afetuosamente 'mamma Margherita' - propaga sem cessar a devoção a Nossa Senhora".

Método preventivo e graça divina

Na realidade, o método preventivo de Dom Bosco é uma forma adaptada às novas gerações - e plenamente atual - de predispor os jovens para serem flexíveis à ação da graça divina.

É ela a verdadeira causa do êxito surpreendente desse grande educador que marcou sua época, até nossos dias, com seu inovador método transmitido a seus seguidores, os sacerdotes salesianos e as filhas de Maria Auxiliadora.

(Revista Arautos do Evangelho, Jan/2007, n. 61, p. 22 à 25)

ANEXO 2 - O Sonho dos 9 Anos

O Sonho dos 9 Anos



"Na idade de 9 anos tive um sonho, que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa. Numa área bastante espaçosa onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar.

Neste momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas, mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar.

Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

- Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

– Justamente porque te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

- Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

- Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice.

- Mas quem sois vós que assim falais?

- Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

- Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dizei-me, pois, vosso nome.

- Pergunta-o à minha mãe

Nesse momento vi ao seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

- Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos, e outros animais.

- Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto; e o que agora vês a esses animais, deves fazê-los aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeiros que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que eu pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça dizendo:

- A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Permaneci atônito. Parecia que minhas mãos doíam devido aos socos que tinha dado, que minha face doía pelos socos recebidos. Aquele personagem, aquela senhora, as coisas ditas e ouvidas, me ocuparam de tal forma a mente que não consegui retomar o sono aquela noite."

P. João Bosco

<http://professorjoaoacesar.sites.uol.com.br/dombosco/sonho9.htm>

ANEXO 3 – Início do Oratório Festivo

Início do Oratório Festivo



FESTA DA IMACULADA CONCEIÇÃO E INÍCIO DO ORATÓRIO FESTIVO

"Mal entrei no Colégio de São Francisco, vi-me logo cercado por um bando de meninos que me acompanhavam em ruas e praças, até mesmo na sacristia da igreja do instituto. Não podia, entretanto, cuidar deles diretamente por falta de local. Um feliz encontro proporcionou-me a oportunidade de tentar a concretização do projeto em favor dos meninos que erravam pelas ruas da cidade, sobretudo os que deixavam as prisões.

No dia solene da Imaculada Conceição de Maria, 8 de dezembro de 1841, estava à hora marcada, vestindo-me com os sagrados paramentos para celebrar a santa Missa. O sacristão José Comotti, vendo um rapazinho a um canto, convidou-o a ajudar-me na Missa.

– Não sei – respondeu ele, todo mortificado.

– Vem – replicou o outro –, tens de ajudar.

– Não sei – retorquiu o rapaz – nunca ajudei.

– És um animal – disse o sacristão enfurecido. – Se não sabes ajudar a Missa, que vens fazer na sacristia?

E, assim dizendo, tomou do espanador e começou a desferir golpes nas costas e na cabeça do pobrezinho.

Enquanto este fugia, gritei em voz alta:

– Que está fazendo? Por que bater nele desse jeito? Que é que ele fez?

– Se não sabe ajudar a missa, por que vem à sacristia?

– Mas você agiu mal.

– E que lhe importa?

– Importa muito, é meu amigo; chame-o imediatamente, preciso falar com ele.

– Oi, rapaz! – pôs-se a chamar; e correndo atrás dele e garantindo-lhe melhor tratamento trouxe-o para junto de mim.

O rapaz aproximou-se a tremer e a chorar pelas pancadas recebidas.

– Já ouviste Missa? – disse-lhe com a maior amabilidade que pude.

– Não – respondeu.

– Vem então ouvi-la. Depois gostaria de falar de um negócio que vai-te agradar.

Prometeu. Era meu desejo aliviar o sofrimento do pobrezinho e não deixá-lo com a má impressão que lhe causara o sacristão.

Celebrada a santa Missa e terminada a ação de graças, levei o rapaz ao coro. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não devia recear novas pancadas, comecei a interrogá-lo assim:

– Meu bom amigo, como te chamas?

– Bartolomeu Garelli.

– De onde és?

– De Asti.

– Tens pai?

– Não, meu pai morreu.

– E tua mãe?

– Morreu também.

– Quantos anos tens?

– Dezesseis.

– Sabes ler e escrever?

– Não sei nada.

– Sabes cantar?

– Não.

– Sabes assobiar?

E então o menino sorriu.

– Já fizeste a Primeira Comunhão?

– Ainda não.

– Já te confessaste?

– Sim, quando era pequeno.

– E agora, vais ao catecismo?

– Não tenho coragem.

– Por quê?

– Porque meus companheiros menores sabem o catecismo, e eu, tão grande, não sei nada. Por isso fico com vergonha de ir a essas aulas.

– Se te desse catecismo à parte virias?

– Então sim.

– Gostarias que fosse aqui mesmo?

– Com muito gosto, contanto que não me batam.

– Fica sossegado, que ninguém te maltratarás. Pelo contrário, serás meu amigo. Terás de haver-te só comigo e mais ninguém. Quando queres começar?

– Quando o senhor quiser.

– Essa tarde serve?

– Sim.

– E se fosse agora mesmo?

– Sim, agora mesmo. Que bom!

Levantei-me e fiz o sinal-da-cruz para começar; meu aluno não o fez porque não sabia. Naquela primeira aula procurei ensinar-lhe a fazer o sinal-da-cruz e a conhecer Deus Criador e o fim por que nos criou. Embora tivesse pouca memória, conseguiu, com assiduidade e atenção, aprender em poucos domingos as coisas necessárias para fazer uma boa confissão e, pouco tempo depois, a sagrada Comunhão.

A esse primeiro aluno, juntaram-se outros mais. Durante aquele inverno limitei-me a alguns adultos que tinha necessidade de catequese especial, sobretudo aos que saíam da cadeia. Pude então constatar que os rapazes que saem de lugares de castigo, caso encontrem mão bondosa que deles cuide, os assista nos domingos, procure arranjar-lhes emprego com bons patrões visitá-los de quando em quando ao longo da semana, tais rapazes dão-se a uma vida honrada, esquecem o passado, tornam-se bons cristãos e honestos cidadãos. Essa é a origem do nosso Oratório, que, abençoado por Deus, teve um desenvolvimento que então eu não podia imaginar."

BOSCO, São João (1815-1888). "Memórias do Oratório de São Francisco de Sales" 1815-1855. Tradução de Fausto Santa Catarina. 3ª edição. Editora Salesiana, São Paulo, 2005, páginas 122 - 125.

ANEXO 4 – Sempre trabalhei com amor

SEMPRE TRABALHEI COM AMOR



Antes de mais nada, se queremos ser amigos do verdadeiro bem dos nossos alunos e levá-los ao cumprimento de seus deveres, é indispensável jamais vos esquecerdes de que representais os pais desta querida juventude. Ela sempre foi o terno objeto dos meus trabalhos, dos meus estudos e do meu ministério sacerdotal; não apenas meu, mas da cara congregação salesiana.

Quantas vezes, meus filhinhos, no decurso de toda a minha vida, tive de me convencer desta grande verdade! É mais fácil encolerizar-se do que ter paciência, ameaçar uma criança do que persuadi-la. Direi mesmo que é mais cômodo, para nossa impaciência e nossa soberba, castigar os que resistem do que corrigi-los, suportando os com firmeza e suavidade.

Tomai cuidado para que ninguém vos julgue dominados por um ímpeto de violenta indignação. É muito difícil, quando se castiga, conservar aquela calma tão necessária para afastar qualquer dúvida de que agimos para demonstrar a nossa autoridade ou descarregar o próprio mal humor.

Consideremos como nossos filhos aqueles sobre os quais exercemos certo poder. Ponhamo-nos a seu serviço, assim como Jesus, que veio para obedecer e não para dar ordens; envergonhem-nos de tudo o que nos possa dar aparência de dominadores; e se algum domínio exercemos sobre eles, é para melhor servirmos.

Assim procedia Jesus com seus apóstolos; tolerava-os na sua ignorância e rudeza, e até mesmo na sua pouca fidelidade. A afeição e a familiaridade com que tratava os pecadores eram tais que em alguns causava espanto, em outros escândalo, mas em muitos infundia a esperança de receber o perdão de Deus. Por isso nos ordenou que aprendêssemos dele a ser mansos e humildes de coração.

Uma vez que são nossos filhos, afastemos toda cólera quando devemos corrigir-lhes as faltas ou, pelo menos, a moderemos de tal modo que pareça totalmente dominada.

Nada de agitação de ânimo, nada de desprezo no olhar, nada de injúrias nos lábios; então sereis verdadeiros pais se conseguirem uma verdadeira correção.

Em determinados momentos muito graves, vale mais uma recomendação a Deus, um ato de humildade perante ele, do que uma tempestade de palavras que só fazem mal a quem as ouve e não e não tem proveito algum para quem as merece.

São João Bosco – Dom Bosco (1815-1888), citado em: "Liturgia das Horas-vol III", págs.1225-1226, Ed.Vozes/Paulinas/Paulus/Ave-Maria, 1996

ANEXO 5 – Carta de Dom Bosco sobre o Oratório (carta de Roma)

Carta de Dom Bosco sobre o Oratório (Carta de Roma)



texto sem revisão, do jeito que estava no site citado no final

Perto ou longe, eu penso sempre em vós. Meu único desejo é ver-vos felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento e esse desejo é que me levaram a escrever-vos esta carta. Sinto, meus caros, o peso do afastamento, e o fato de não vos ver nem ouvir me aflige como não podeis imaginar. Desejaria por isso escrever-vos estas linhas há uma semana, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem vos ama carinhosamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-vos com a liberdade de um pai. Haveis de permiti-lo, não é verdade? E me prestareis atenção e poreis em prática o que vou dizer-vos.

Afirmei que sois o único e contínuo pensamento de minha mente. Ora, numa das noites passadas, havia-me recolhido ao quarto, e, enquanto me dispunha a repousar, tinha começado a rezar as orações que minha boa mãe me ensinou. Nesse momento, não sei bem se dominado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver dois dos antigos jovens do Oratório virem ao meu encontro.

Um deles aproximou-se e saudando-me afetuosamente me disse:

— Dom Bosco, não me conhece?

— Se te conheço, respondi.

— E lembra-se ainda de mim? — acrescentou o homem.

— De ti e de todos os outros. És Valfrè e estavas no Oratório antes de 1870.

— Diga — continuou Valfrè —, quer ver os jovens que estavam no Oratório no meu tempo?

— Sih, mostra-me — respondi —, isso vai dar-me grande prazer.

Então Valfrè mostrou-me todos os jovens com o mesmo semblante, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, movimento, alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui brincava-se de rã, de barra, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre, que lhes contava uma história. Noutra, um clérigo no meio de outros meninos brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfrè me disse então:

— Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isto é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores, Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Nesse instante aproximou-se de mim o outro ex-aluno, de barba toda branca, e me disse:

— Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório? (Era José Buzzetti).

— Sim, respondi; porque há já um mês que não os vejo!

E apontou-os para mim: vi o Oratório e todos vós no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança que me fazia sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se, com feliz despreocupação, mas muitos outros estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na sacada perto do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupos falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar e até mesmo acreditar que S. Luis haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam alguns havia tão enfiados, que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

— Viu seus jovens? — perguntou-me o ex-aluno.

— Vejo-os —, respondi suspirando.

— Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! — exclamou o ex-aluno.

— É Pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

— De aí é que vem a frieza de tantos meninos na freqüência dos santos Sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora; o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula, de todo bem para o corpo, para a alma, para a inteligência. De aí não corresponderem muitos à sua vocação; de aí a ingratidão para com os superiores; de aí os segredinhos e as murmurações, com todas as demais deploráveis conseqüências.

— Compreendo, entendo — respondi —. Mas como reanimar estes meus caros jovens, para que retomem a antiga vivacidade, alegria, expansão?

— Com o amor!

— Com o amor? Mas os meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporte e soffro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

— Não falo do senhor!

— De quem então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vês como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

— Vejo, sei perfeitamente; mas isso não basta. Falta o melhor.

— Que é que falta, então?

— Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

— Mas, afinal, não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não vêem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

— Não, repito, isso não basta.

— Que é preciso, então?

— Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, com participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.

— Explica-te melhor.

— Observe os jovens no recreio.

Observei e respondi:

— E que há de especial para ver?

— Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?

Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos. Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos; outros olhavam o recreio sem se preocuparem absolutamente com os jovens; outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta; um ou outro avisava mas em atitude ameaçadora e bem de raro. Ainda havia um ou outro salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens; vi, porém, que estes procuravam propositalmente afastar-se dos professores e superiores.

Então meu amigo continuou: — Nos velhos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

— Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Vês, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

— Está bem: mas se o senhor não pode, por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

— Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

— E então descuidando o menos, perdem o mais, e esse “mais” são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos superiores agrada. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são pois temidos e pouco amados. Por isso, se quiser formar um só coração e uma só alma, é preciso que por amor de Jesus se rompa a barreira fatal da desconfiança e se lhe substitua uma confiança cordial. Guie pois a obediência

o aluno como a mãe guia o filhinho; reinará então no Oratório a paz e a antiga alegria.

— Como fazer então para romper a barreira?

— Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama. Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou as nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade! O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão.

Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio, é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava! Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre jovens e superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumega. Eis vosso modelo. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para satisfazer o amor próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância tão-somente por ciúme de temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser amado e estimado pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para fazer-lhe corte, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definhar, então é que as coisas já não vão bem. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens, se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens? É o que acontece necessariamente se faltar a familiaridade. Se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema: O superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternamente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou.

Então, já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando. Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr perigo de expulsar de casa um inocente, que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa de Deus.

Então indaguei:

— Qual é o meio mais indicado para que reine essa familiaridade, esse amor e confiança?

— A observância exata das regras da casa.

— E nada mais?

— O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que não podendo mais resistir, estremei e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos. Desejo não ter sonhos assim, por que me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na próxima noite. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reaparece o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório, e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo:

— Comunicarei aos salesianos o que me disseste; mas que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

— Que reconheçam quanto superiores, mestres e assistentes trabalham e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles não se haviam de sujeitar a tantos sacrifícios; que se lembrem ser a humildade a fonte de toda tranqüilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque a perfeição não é deste mundo, mas somente do paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus, não tem paz nem consigo nem com os outros.

— Queres dizer então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

— Entre as causas do mal-estar que Dom Bosco conhece, e não vou recordar agora, e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhes traria vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, inquieto, rebelde à obediência, irrita-se por um nonada, parece-lhe que tudo vai mal, e por não ter amor, julga que os superiores não o amam.

— Entretanto, meu caro, não vês quanta freqüência de confissões e comunhões há no Oratório?

— É verdade que é grande a freqüência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos meninos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, das mesmas transgressões dos deveres. E vai-se assim para a frente meses e meses, e também por vários anos, e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz. Se o menino fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus, que desgraça não seria.

— E há muitos assim no Oratório?

— Poucos em comparação com o grande número de jovens que se encontram na casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais jovens um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que me amarguraram profundamente o coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas vos direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções: tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comolos, os Domingos Sávios, os Besuccos e os Saccardis ainda vivem entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

— Não tens mais nada a dizer-me?

— Pregue a todos, grandes e pequenos, que se lembrem sempre de Maria SS. Auxiliadora. Que ela os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem glória a Deus e a ela, com o bom procedimento; que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e meios para estudar mediante graças e portentos. Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe S., e com sua ajuda deve cair a barreira da desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual se aproveita para ruína de certas almas.

— E conseguiremos destruir essa barreira?

— Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus jovenzinhos, ante o espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição senti tamanho aperto no coração que acordei. Muitas coisas importantíssimas que eu vi gostaria de contar-vos, mas o tempo e as conveniências não permitem. Vou concluir. Sabeis o que deseja de vós este pobre velho, que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais do que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do Oratório primitivo. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com outros; os dias dos corações abertos com toda a simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade de que me consoleis, dando-me a esperança e a promessa de que fareis tudo o que desejo para o bem de vossas almas. Não conheceis suficientemente que felicidade é a vossa de haverdes sido recebidos no Oratório. Diante de Deus declaro: Basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem SS. o tome imediatamente debaixo de sua especial proteção, Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade dos que mandam, a caridade dos que devem obedecer faça reinar entre nós o espírito de S. Francisco de Sales. Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que me deverei separar de vós e partir para a minha eternidade. (Nota do secretário: Neste ponto Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura que resumava de seu olhar e do tom de sua voz; depois de alguns instantes continuou). Desejo, portanto, deixar-vos a todos, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que Ele próprio vos deseja.

Para tal fim, o Santo Padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, vos manda de todo o coração sua bênção.

No dia da festa de Nossa Senhora Auxiliadora estarei convosco ante a imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que essa grande festa se celebre

com toda a solenidade, e o Pe. Lazzero e o Pe. Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso af.mo amigo em J. C.
Sac. João Bosco.

© Direzione Generale Opere Don Bosco, via della Pisana, 1111 - 00163
Roma, Itália

Fonte:

http://www.sdb.org/PR/Documenti/2004/_5_10_6_4_2_.htm

Data da carta: 10 de maio de 1884.

No Brasil:

"A Pedagogia de Dom Bosco em seus escritos", Editora Salesiana, 2004, São Paulo, pág. 14 - 22. www.editorasalesiana.com.br

ANEXO 6 – O Sistema Preventivo na educação dos jovens



O Sistema Preventivo na Educação dos Jovens

texto sem revisão, do jeito que estava no site citado no final

Fui instado várias vezes a expressar, verbalmente ou por escrito, o meu pensamento sobre o chamado Sistema Preventivo, que se costuma praticar em nossas casas. Por falta de tempo, não pude ainda satisfazer esse desejo. Querendo agora imprimir o Regulamento, que até hoje tem sido usado sempre tradicionalmente entre nós, julgo oportuno expor aqui um rápido esboço. Isso será como o índice de um opúsculo que estou elaborando, se Deus me der vida para levá-lo a termo. Move-me a isso apenas a vontade de colaborar na difícil arte da educação juvenil. Direi, portanto, em que consiste o Sistema Preventivo, e por que se deve preferir; sua aplicação prática e vantagens.

1. Em que consiste o Sistema Preventivo e por que se deve preferir

São dois os sistemas até hoje usados na educação da juventude: o Preventivo e o Repressivo. O Sistema Repressivo consiste em fazer que os súbditos conheçam a lei, e depois vigiar para saber os seus transgressores e infligir-lhes, quando necessário, o merecido castigo. Nesse sistema, as palavras e o semblante do superior devem constantemente ser severos e até ameaçadores, e ele próprio deve evitar toda a familiaridade com os dependentes. O diretor, para dar mais prestígio à sua autoridade, raro deverá achar-se entre os dependentes e quase unicamente quando se trata de ameaçar ou punir. Esse sistema é fácil, menos trabalhoso. Serve especialmente para soldados e, em geral, para pessoas adultas e sensatas, que devem, por si mesmas, estar em condições de saber e lembrar o que é conforme às leis e outras prescrições.

Diferente e, eu diria, oposto é o Sistema Preventivo. Consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes. Estes, como pais carinhosos, falem, sirvam de guia em todas as circunstâncias, dêem conselhos e corrijam com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas.

O sistema apóia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves. Parece preferível pelas seguintes razões:

1. O aluno, previamente avisado, não fica abatido pelas faltas cometidas, como sucede quando são levadas ao conhecimento do superior. Não se irrita pela correção feita nem pelo castigo ameaçado, ou mesmo infligido, pois a punição contém em si um aviso amigável e preventivo que o leva a refletir e, as mais das vezes, consegue granjear-lhe o coração. Assim o aluno reconhece a necessidade do castigo e quase o deseja.

2. A razão mais essencial é a volubilidade do menino, que num instante esquece as regras disciplinares e o castigo que ameaçam. Por isso é que, amiúde, se torna um menino culpado e merecedor de uma pena em que nunca pensou, e de que absolutamente não se lembrava no momento da falta cometida, e que teria por certo evitado, se uma voz amiga o tivesse advertido.

3. O Sistema Repressivo pode impedir uma desordem, mas dificilmente melhorará os culpados. Diz a experiência que os jovens não esquecem os castigos recebidos, e geralmente conservam ressentimento acompanhado do desejo de sacudir o jugo e até de tirar vingança. Podem, às vezes, parecer indiferentes; mas quem lhes segue os passos sabe quão terríveis são as reminiscências da juventude. Esquecem facilmente os castigos que recebem dos pais; muito dificilmente, porém, os dos educadores. Há casos de alguns que na velhice se vingaram com brutalidade de castigos justos que receberam nos anos de sua educação. O Sistema Preventivo, pelo contrário, granjeia a amizade do menino, que vê no assistente um benfeitor que o adverte, quer fazê-lo bom, livrá-lo de dissabores, castigos e desonra.

4. O Sistema Preventivo predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer ao depois. Conquistado o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou empregos públicos, ou no comércio. Por essas e muitas outras razões, parece que o Sistema Preventivo deve preferir-se ao Repressivo.

2. Aplicação do Sistema Preventivo

A prática desse sistema baseia-se toda nas palavras de S. Paulo: "Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet". A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas espera tudo e suporta qualquer incômodo. Por isso, somente o cristão pode aplicar com êxito o

Sistema Preventivo. Razão e Religião são os instrumentos de que o educador se deve servir; deve inculcá-los, praticá-los ele mesmo, se quiser ser obedecido e alcançar os resultados que deseja.

1. Deve, pois, o diretor consagrar-se totalmente aos seus educandos: jamais assuma compromissos que o afastem das suas funções, Pelo contrário, permaneça sempre com seus alunos, todas as vezes que não estiverem regularmente ocupados, salvo estejam por outros devidamente assistidos.

2. A moralidade dos professores, mestres de oficina, assistentes, deve ser notória. Esforcem-se eles por evitar, como epidemia, toda a sorte de afeições ou amizades sensíveis com os alunos, e lembrem-se de que o descaminho de um só pode comprometer um instituto educativo. Veja-se que os alunos não fiquem jamais sozinhos. Porquanto possível, os assistentes sejam os primeiros em achar-se no lugar onde os alunos se devem reunir; entretenham-se com eles enquanto não vier um substituto; nunca os deixem desocupados.

3. Dê-se ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade. Os exercícios ginásticos e desportivos, a música, a declamação, o teatro, os passeios, são meios efficacíssimos para se alcançar a disciplina, favorecer a moralidade e conservar a saúde. Mas haja cuidado em que a matéria das diversões, as pessoas que tomam parte, as falas, não sejam repreensíveis. "Fazei quanto quiserdes", dizia o grande amigo da juventude, S. Filipe Néri, "a mim me basta não cometais pecados".

4. A confissão freqüente, a comunhão freqüente e a missa cotidiana são as colunas que devem sustentar um edificio educativo, do qual se queira eliminar a ameaça e a vara. Nunca se obriguem os jovens a freqüentar os santos sacramentos: basta encorajá-los e dar-lhes comodidade de se aproveitarem deles. Nos exercícios espirituais, tríduos, novenas, pregações, catecismos, ponha-se em relevo a beleza, a sublimidade, a santidade da Religião, que oferece meios tão fáceis, tão úteis à sociedade civil, à paz do coração, à salvação da alma, como são precisamente os santos sacramentos. Dessa maneira, estimulam-se os meninos a querer, espontaneamente, essas práticas de piedade; haverão de cumpri-las de boa vontade, com prazer e fruto.

5. Use-se a máxima vigilância para impedir que entrem no instituto companheiros, livros ou pessoas que tenham más conversas. A escolha de um bom porteiro é um tesouro para uma casa de educação.

6. Todas as noites, após as orações de costume e antes que os alunos se recolham, o diretor, ou quem por ele, dirija em público algumas afetuosas palavras, dando algum aviso ou conselho sobre o que convém fazer ou evitar. Tire-se a lição moral de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; mas a sua alocação não deve passar de dois ou três minutos. Essa é a chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação.

7. Afaste-se como a peste a opinião dos que pretendem diferir a primeira comunhão para uma idade demasiado adiantada, quando em geral o demônio

já se apossou do coração dos meninos, com incalculável dano da sua inocência. Conforme a disciplina da Igreja primitiva, costumava dar-se às crianças as hóstias consagradas que sobravam da comunhão pascal. Isso demonstra quanto preza a Igreja sejam os meninos admitidos mais cedo à santa comunhão. Quando uma criança pode distinguir entre Pão e pão, e revela instrução suficiente, já não se olhe para a idade, e venha o Soberano Celeste reinar nessa alma abençoada.

8. Os catecismos recomendam a comunhão freqüente: S. Filipe Néri aconselhava-a cada oito dias e ainda mais amiúde. O Concílio Tridentino diz claro que deseja sumamente que todos os fiéis, quando ouvem a santa missa, façam também a comunhão. Porém seja a comunhão não só espiritual, mas ainda sacramental, a fim de que se tire maior fruto desse augusto e divino sacrifício (Concílio Tridentino, Sess. XXII, capítulo VI).

3. Utilidade do Sistema Preventivo

Dir-se-á que esse sistema é difícil na prática. Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.

Além das vantagens acima expostas, acrescenta-se ainda o seguinte:

1. O aluno conservará sempre grande respeito para com o educador e lembrará com gosto a educação recebida e considerará ainda os seus mestres e demais superiores como pais e irmãos. Esses alunos, nos lugares para onde forem, serão, as mais das vezes, o consolo da família, cidadãos prestimosos e bons cristãos.

2. Qualquer que seja o caráter, a índole, o estado moral do aluno ao ser admitido, podem os pais viver seguros de que seu filho não vai piorar, e considera-se como certo que se alcançará sempre alguma melhora. Antes, meninos houve que depois de terem sido por muito tempo o flagelo dos pais, e, até, rejeitados pelas casas de correção, educados segundo esses princípios, mudaram de índole e caráter, deram-se a uma vida morigerada, e presentemente ocupam posição distinta na sociedade, tornando-se, desse modo, o amparo da família e honra do lugar em que moram.

3. Os alunos que por acaso entrassem num instituto com maus hábitos, não podem prejudicar os seus companheiros. Nem os meninos bons poderão ser por eles contaminados, porque não haveria tempo, nem lugar, nem ocasião, pois o assistente, que supomos presente, logo lhes acudiria.

4. Uma palavra sobre os castigos

Que norma seguir para dar castigos? — Por quanto possível, jamais se faça uso de castigos. Quando, porém, a necessidade o exige, observe-se quanto segue:

1. O educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar. Nesse caso, a subtração da benevolência é um castigo que desperta emulação, infunde coragem sem deprimir.

2. Entre os meninos é castigo o que se faz passar por castigo. Observou-se que um olhar não amável produz para alguns maior efeito que uma bofetada. O elogio quando uma ação é bem feita. a repreensão quando há desleixo, é já um prêmio ou castigo.

3. Salvo raríssimos casos, as correções, os castigos, nunca se dêem em público, mas em particular, longe dos companheiros, e empregue-se a máxima prudência e paciência para que o aluno compreenda a sua falta, à luz da razão e da religião.

4. Bater, de qualquer modo que seja, pôr de joelhos em posição dolorosa, puxar orelhas, e outros castigos semelhantes, devem-se absolutamente banir, porque são proibidos pelas leis civis, irritam sobremaneira os jovens e desmoralizam o educador.

5. Torne o diretor bem conhecidas as regras, os prêmios e os castigos sancionados pelas leis disciplinares, a fim de que o aluno não possa desculpar-se dizendo: "Eu não sabia que isso era mandado ou proibido".

Se em nossas casas se puser em prática este sistema, creio poderemos alcançar grande resultado, sem recorrermos a pancadarias, nem a outros castigos violentos. Há quarenta anos, mais ou menos, que trato com a juventude, não me lembra ter usado castigo de espécie alguma. Com o auxílio de Deus, não só obtive sempre o que era de dever, mas ainda o que eu simplesmente desejava, e isso daqueles mesmos meninos dos quais se havia perdido a esperança de bom resultado.

P. Gio. Bosco.

© Direzione Generale Opere Don Bosco, via della Pisana, 1111 - 00163 Roma, Italia

Fonte:

http://www.sdb.org/PR/Documenti/2004/_5_10_6_4_1_.htm

No Brasil:

"A Pedagogia de Dom Bosco em seus escritos", Editora Salesiana, 2004, São Paulo,

pág. 8 - 13 e 23 - 32. www.editorasalesiana.com.br

ANEXO 7 – O caramanchão e as rosas



“O CARAMANCHÃO E AS ROSAS”

São João Bosco

Certo dia, em 1847, após meditar muito sobre o modo de fazer o bem à juventude, apareceu-me a Rainha do Céu que me levou a um jardim encantador. Nele havia um longo pórtico, com plantas trepadeiras carregadas de folhas e flores. O pórtico dava para um caramanchão encantador, flanqueado e coberto de maravilhosos rosais em plena florescência. Também o terreno estava todo coberto de rosas. Nossa Senhora me disse:

– Tire os sapatos e avance por este caramanchão. É o caminho que deve fazer.

Gostei de tirar os sapatos: teria sentido muito machucar aquelas rosas. Comecei a andar. Mas logo percebi que aquelas rosas escondiam espinhos muito agudos. E tive que parar.

– Aqui precisa usar sapatos – disse eu à guia.

– Sem dúvida. E dos bons.

Calcei os sapatos e retornei o caminho com certo número de companheiros que haviam aparecido naquele momento e me pediram para caminhar comigo.

Pendiam do alto muitos ramos como festões. Rosas! Só se viam rosas: em cima, dos lados, no chão, a meus pés. Minhas pernas, porém, enredando-se nos ramos estendidos por terra, acabavam feridas. Espinhava-me ao afastar os ramos transversais. Sangrava nas mãos, por todo o corpo. Todas as rosas escondiam muitíssimos espinhos.

Todos os que me viam caminhar diziam: "Dom Bosco só caminha sobre rosas! Tudo lhe vai bem!". Não viam que os espinhos me rasgavam os membros.

Muitos clérigos, padres e leigos por mim convidados haviam-se posto a seguir-me, alegres, atraídos pela beleza daquelas flores. Mas, ao perceberem que deviam caminhar sobre espinhos, começaram a gritar: "Fomos enganados!". Não poucos retrocederam. Fiquei praticamente só. E comecei a chorar. "Será possível – dizia eu – que tenha de percorrer tos este caminho só?".

Mas fui logo consolado: vi avançar para mim um grupo de padres, clérigos, leigos, os quais me disseram: "Somos todos seus e prontos para segui-lo". Precedendo-os, reiniciei o caminho. Só alguns desanimaram e pararam. Grande parte foi comigo até o fim.

Percorrido todo o caramanchão, vi-me num bellissimo jardim. Os meus poucos seguidores estavam macilentos, desgrenhados, ensangüentados. Levantou-se, então, uma brisa suave. A seu sopro, se curaram. Soprou outro vento e, como por encanto, me vi circundado de um número imenso de jovens e de clérigos, de coadjutores leigos e também de padres, que se puseram a trabalhar comigo guiando aquela juventude. Reconheci alguns, mas muitos outros os não conhecia.

Então a Santa Virgem, que fora a minha guia, perguntou-me:

– Sabe o que significa o que você está vendo e viu antes?

– Não.

– Saiba que o caminho por entre as rosas e os espinhos significa o cuidado que deverá tomar com a juventude. Deverá andar com o calçado da mortificação. Os espinhos significam os obstáculos, os padecimentos, os desgostos que lhe caberão. Mas não desanimem. Com a caridade e com a mortificação, irão superar tudo e chegar às rosas sem espinhos.

Logo que a Mãe de Deus acabou de falar, acordei. Estava em meu quarto.

Contei-lhes isto para que cada um de nós tenha a certeza de que é Nossa Senhora que quer a nossa Congregação. E para que nos animemos sempre a trabalhar para a maior glória de Deus.

ANEXO 8 - Alguns pensamentos fundamentais do Educador Dom Bosco para os Educadores de todos os tempos



Alguns pensamentos fundamentais do Educador Dom Bosco para os Educadores de todos os tempos:

"Tenhamos presente que se a força pune o vício, não cura o vicioso. Assim como não se cultiva uma planta tratando-a com aspereza e violência, assim não é possível educar a vontade sobrecarregando-a com um jugo pesado demais".

"O Educador entre os alunos procure fazer-se amar se quer fazer-se respeitar".

"A familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações".

"Se queremos saber mandar, temos primeiro saber obedecer, procurando impor mais com o amor do que com o temor".

"Cheios de paciência e de caridade, aguardemos, em nome de Deus, o momento oportuno para corrigir os alunos". "Não castigue ninguém no próprio instante em que se cometeu a falta".

"Que sua língua não fale uma só palavra enquanto tiver o coração agitado".

"Em determinados momentos muito graves, vale mais uma recomendação a Deus, um ato de humildade perante ele, do que uma

tempestade de palavras que só fazem mal a quem as ouve e não e não tem proveito algum para quem as merece".

"Pensem sempre naquilo que Deus pode dizer de vocês, não naquilo que de vocês, bem ou mal, podem dizer os homens".

ANEXO 9 – Passeios

Passeios - ação de Dom Bosco



Passeios

Todos os anos, pela festa de Nossa Senhora do Rosário (sete de outubro), Dom Bosco leva aos Becchi seus melhores alunos: uns vinte, nos primeiros anos. Depois, o número cresceu: de 1858 em diante, chegava a uma centena.

“Nos primeiros dias de outubro – escreve o padre Lemoyne –, partia do oratório a turma dos cantores, dos músicos e de outros alunos. Cada qual levava num pequeno embrulho a roupa necessária para as férias, pão queijo e frutas.”

Hospedava-os o irmão José (irmão de Dom Bosco, que continuou na propriedade da família, no campo), sempre cordial, sempre disposto a fechar os olhos quando os rapazes invadiam a vinha para lhe diminuir o trabalho da vindima...

No primeiro domingo de outubro celebrava-se a festa. No dia seguinte, começavam os passeios, que se prolongavam por dez, vinte e mais dias.

Até 1858, o quartel-general ficava nos Becchi de onde saíam de manhã para uma aldeia não muito distante, votando à noite.

A partir de 1859, os passeios se transformaram em verdadeiros “itinerários” através das colinas de Monferrato. Dom Bosco preparava o roteiro com antecedência: párcos e benfeitores estavam sempre prontos para acolher a turba faminta e cansada. A viagem se desenrolava pelas estradas do campo, entre colinas e vinhedos. Caminhavam em grupos, cantando, rufando tambores, tangendo burricos que portavam no lombo os cenários e os

bastidores para as representações teatrais. Atrás de todos seguia Dom Bosco, rodeado sempre por um bom grupo de jovens que não se cansavam de ouvi-lo contar a história das aldeias por onde passavam.

Chegada à meta, a turba se punha em ordem. E, com a banda de música à frente, entravam solenemente no povoado.

"Não posso esquecer aquelas viagens aventurosas – escrevia o Padre Anfossi. – Éramos uma centena de rapazes e já então podíamos ver a grande fama de santidade de que gozava. Sua chegada naqueles lugares era um triunfo. Os párocos dos arredores acorriam à sua passagem e, geralmente, as autoridades civis também."

"Os moradores se achegavam às janelas ou saíam às portas das casas; os camponeses deixavam os trabalhos para verem o Santo.; as mães se aproximavam apresentando os filhinhos e, genuflexas, mesmo por terra, pediam lhe a benção. Como o nosso costume era ir diretamente à igreja paroquial para adorar Jesus Sacramentado, em breve o templo ficava repleto de fiéis, aos quais Dom Bosco fazia uma alocução. Cantava-se, depois, o *Tão Sublime Sacramento* e dava-se a benção do Santíssimo".

A seguir comia-se uma matula bem reforçada, à moda dos colonos: o povo trazia generosamente para aqueles rapazes cestas de frutas, enormes pães de fôrma caseiros, queijo e jarras de vinho.

Dormia-se debaixo de telheiros ou em salões, estirados sobre sacos de folhas ou na palha.

Aqueles passeios foram aventuras inesquecíveis, para os meninos, e, para Dom Bosco, a "carta de apresentação" aos povoados do Monferrato, dos quais conseguiu levar para o oratório esplêndidas vocações salesianas.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco**: uma nova biografia. São Paulo: Editora Salesiana. 6.ed. 2002. p. 364-366.

www.editorasalesiana.com.br

ANEXO 10 – Um dia de liberdade

Um dia de liberdade - ação de Dom Bosco



Em 1845, na estrada para Stupinigi, fora aberta uma nova prisão em Turim: a Generala. Era um reformatório de rapazes, com capacidade para trezentos. Dom Bosco freqüentava-a regularmente. Procurava fazer-se amigo daqueles pobres rapazes, condenado (quase sempre) por roubo ou vadiagem.

Dividiam-se em três categorias: “vigiados especiais” que, à noite, eram trancados em celas; “vigiados simples”, levados adiante apenas com os meios normais de uma prisão; “periclitantes”, que ali se achavam só porque alguém, já cansado deles, os confiara à polícia. Passavam o tempo em trabalhos agrícolas ou em oficinas internas.

Na Quaresma de 1855, Dom Bosco deu a todos um caprichado curso de catecismo, seguido de três dias de Exercícios Espirituais (nada menos), concluídos com uma confissão deveras geral.

Dom Bosco ficou tão impressionado pela boa vontade geral que lhes prometeu “alguma coisa excepcional”. Foi ao diretor e propôs-lhe organizar para os rapazes (abatidos pela reclusão) um belo passeio a Stupinigi.

– Está mesmo falando sério, reverendo? – exclamo o homenzinho espantado.

– Com a maior seriedade do mundo.

– E não sabe que eu sou responsável por aqueles que fugirem?

– Ninguém fugirá. Dou-lhes a minha palavra.

– Ouça. Não vamos gastar saliva à-toa. Se quer essa licença, dirija-se ao Ministro.

Dom Bosco foi ter com Rattazzi e lhe expôs com tranqüilidade o seu projeto.

– Pois não – lhe disse o Ministro. – Um passeio fará muito bem a esses jovens detentos. Darei as ordens necessárias para que, ao longo do caminho, se distribuam guarda à paisana em número suficiente.

– Isso não – interveio decidido Dom Bosco. – É a única condição que eu ponho: que nenhum guarda nos “proteja”. E vossa Excelência deve dar-me sua palavra de honra. O risco é meu: se alguém fugir, por-me-á na cadeia a mim.

Ambos riram. Depois Rattazzi ficou sério:

– Dom Bosco, entenda. Sem guardas, não trará de volta ninguém.

– E eu, ao contrário, lhe garanto que vou trazer de volta todos. Vamos apostar?

Rattazzi pensou um pouco.

– Está bem. Aceito. Confio no senhor. Mas confio também nos guardas: em caso de fuga, não levarão muito tempo para recapturar esses frangotes.

Dom Bosco voltou à Generala e anunciou o passeio. Uma explosão de alegria. Numa brecha de silêncio, Dom Bosco continuou:

– Dei minha palavra: todos se comportarão bem, e nada de fugas. O Ministro também deu a sua: nada de guardas, nem fardados, nem à paisana. Agora chegou a vez da palavra de vocês: basta que um fuja e minha honra se vai. Não deixarão mais pôr os pés aqui dentro. Posso confiar?

Cochicharam lá algum tempo entre si. Depois os maiores disseram:

– Damos a nossa palavra! Voltaremos todos! Nos portaremos bem!

O dia seguinte foi dia de sol tépido, primaveril.

E lá se foram para Stupinigi, pelos caminhos dos campos. Pulavam, corriam, gritavam. Dom Bosco seguia em meio à pequena tropa, brincando e contando estórias. À frente de todos, o burro. Com as provisões.

Em Stupinigi, Dom Bosco celebrou a santa Missa. Depois, houve almoço ao ar livre, seguido de animadas partidas à margem do rio Sangone. Visitaram o parque e o castelo real. Houve merenda e, ao pôr-do-sol, o retorno. O burro estava livre e Dom Bosco cansado. Os rapazes fizeram-no montar e, puxando as rédeas e cantando, chegaram. O diretor apressou-se em contá-los. Estavam todos.

Houve um adeus triste no portão do cárcere: Dom Bosco se despediu de um por um e voltou para casa com um aperto no coração: só pudera libertá-los por um dia.

O Ministro, ao contrário, ao saber de tudo, ficou exultante como de um triunfo.

– Por que é que o senhor consegue fazer essas coisas e nós não? – perguntou a Dom Bosco um dia.

– Porque o Estado manda e castiga. E é só isso o que pode fazer. Eu, ao contrário, quero bem a esses rapazes. E como sacerdote, tenho uma força moral que Vossa Excelência não pode entender.

BOSCO, Terésio. **Dom Bosco**: uma nova biografia. São Paulo: Editora Salesiana. 6.ed. 2002. p319-321.

www.editorasalesiana.com.br